

PROPOSTA DE PAZ 2015

POR DR. DAISAKU IKEDA, PRESIDENTE DA SOKA GAKKAI INTERNACIONAL

ENVIADA ÀS NAÇÕES UNIDAS (ONU)
POR OCASIÃO DO 40º ANIVERSÁRIO DA SGI, EM 26 DE JANEIRO DE 2015



PROPOSTA DE PAZ DO PRESIDENTE IKEDA

COMPROMISSO DE TODOS COM

UM MUNDO

MAIS HUMANO:

ACABAR COM A MISÉRIA DA TERRA

DAISAKU IKEDA nasceu em Tóquio, Japão, em 2 de janeiro de 1928.

Formado pela Escola Superior Fuji, na área de economia, é atualmente presidente da Soka Gakkai Internacional (SGI), uma das maiores organizações não governamentais das Nações Unidas, com mais de 12 milhões de associados em 192 países e territórios.

Fundou várias instituições educacionais e culturais, como as escolas Soka (da educação infantil ao ensino superior), a Associação de Concertos Min-On, o Instituto de Filosofia Oriental e o Museu de Artes Fuji de Tóquio.

Pacifista, filósofo, poeta laureado e escritor, com obras traduzidas para mais de vinte idiomas, é sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras (ABL) desde 1992, ocupando a cadeira de nº 14.

Ikeda acredita que um movimento popular centralizado nas Nações Unidas é a chave para transformar o mundo, onde imperam a desunião e a hostilidade, num lugar de coexistência pacífica. Por isso, apresenta anualmente, no dia 26 de janeiro, aniversário de fundação da SGI, sua proposta de paz.

A SGI é oficialmente registrada como ONG no Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (Ecosoc), no Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), no Departamento de Informações Públicas das Nações Unidas (UNDPI) e na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Também integra a Federação Mundial das Associações das Nações Unidas (WFUNA).



ALVORECER DA PAZ
Nascer do sol na Ilha de Guam,
local em que a Soka Gakkai
Internacional foi fundada em
26 de janeiro de 1975

Carta da Soka Gakkai Internacional

Preâmbulo

NÓS, organizações constituintes da Soka Gakkai Internacional (SGI), abraçamos o objetivo fundamental e a missão de contribuir para a paz, a cultura e a educação, com base na filosofia e nos ideais do Budismo de Nichiren Daishonin.

Reconhecemos que, em nenhuma outra época da história, a humanidade testemunhou tamanha justaposição de guerra e paz, discriminação e igualdade, pobreza e fartura, como no século 20. O desenvolvimento da tecnologia militar cada vez mais sofisticada e exemplificada pelas armas nucleares, criou uma situação em que a própria sobrevivência da espécie humana foi posta em risco. A realidade da violenta discriminação étnica e religiosa tem se apresentado num interminável ciclo de conflito. Se não bastasse, o egoísmo e a negligência do homem causaram, e continuam causando, problemas mundiais, como a degradação do meio ambiente. Também observamos que os abismos econômicos criados se intensificam entre as nações desenvolvidas e em desenvolvimento, com sérias repercussões para o futuro coletivo da humanidade.

Acreditamos que o Budismo de Nichiren Daishonin, filosofia humanística de infinito respeito pela dignidade da vida e de benevolência que abrange tudo, capacita os indivíduos a cultivar a sabedoria e a criatividade do espírito humano para vencer as dificuldades e as crises que a humanidade enfrenta. Tal capacitação faz surgir uma sociedade de coexistência próspera e pacífica.

Nós, organizações constituintes e membros da SGI, nos determinamos a hastear bem alto a bandeira da cidadania mundial, do espírito de tolerância e do respeito aos direitos humanos. Embasados no humanismo budista, no diálogo, nos esforços práticos e no firme compromisso com a não violência, dispomo-nos a desafiar as questões mundiais.

Assim, adotamos esta Carta para ratificar os seguintes propósitos:

1. A SGI contribuirá para a paz, a educação e a cultura, visando à felicidade e ao bem-estar de toda a humanidade, inspirada no respeito budista à dignidade da vida.

2. A SGI, com base no ideal da cidadania mundial, salvaguardará os direitos humanos fundamentais e não discriminará nenhum indivíduo.

3. A SGI respeitará e protegerá a liberdade de crença e de expressão religiosa.

4. A SGI promoverá a ampla compreensão do Budismo de Nichiren Daishonin por meio de intercâmbios, contribuindo, dessa forma, para a concretização da felicidade individual.

5. A SGI, por intermédio das organizações constituintes, encorajará seus membros a contribuir para a prosperidade de suas respectivas sociedades, como bons cidadãos.

6. A SGI respeitará a independência e a autonomia de suas organizações constituintes, de acordo com as condições predominantes em cada país.

7. A SGI, com base no espírito budista de tolerância, respeitará outras religiões, promoverá diálogos e atuará, em parceria, para a solução de questões fundamentais da humanidade.

8. A SGI respeitará a diversidade cultural e realizará intercâmbios culturais para criar uma sociedade internacional de cooperação e de compreensão mútua.

9. A SGI visará, com base no ideal budista de simbiose, à proteção da natureza e do meio ambiente.

10. A SGI contribuirá para a promoção da educação, da busca da verdade e também do desenvolvimento da ciência para capacitar as pessoas a aprimorar o caráter e desfrutar uma vida plena e feliz.

Todos os direitos reservados à Editora Brasil Seikyo Ltda.

Editora Brasil Seikyo Ltda. Administração e redação: Rua Tamandaré, 1.040
São Paulo, SP _ CEP: 01525-000

Fones: (11) 3349-1930 / 1941 / 1942 / 1950 _ Fax: 3349-1949

CNPJ nº 61.612.891/0001-21

Matrícula na Lei de Imprensa nº 2092 - Registro no INPI nº 0060117320

Diretor-presidente: Wagner Takeshi Issami

Jornalista responsável: Júlio Tadachi China (matrícula no DRT nº 17.595)

Impressão: EGB - Editora Gráfica Bernardi Ltda.

PROPOSTA DE PAZ 2015

Compromisso de todos com um mundo mais humano: acabar com a miséria da Terra

Dr. Daisaku Ikeda,
presidente da Soka Gakkai Internacional

Enviada às Nações Unidas (ONU)
por ocasião do 40º aniversário da SGI, em 26 de janeiro de 2015

Revisão: Thiago de Mello

Tradução: Juliana Ballesteros Sales Vieira

Colaboração: Edson Cruz

Foto da capa e quarta capa: Shutterstock

Arte: Henrique Kubota

Compromisso de todos com um mundo mais humano: acabar com a miséria da Terra

Revisão: Thiago de Mello

Neste 40º aniversário da fundação da Soka Gakkai Internacional (SGI), trago algumas sugestões para fortalecer a solidariedade entre os povos por um mundo de paz, pelo humanismo e a eliminação do inadmissível sofrimento da Terra.

O futuro depende do inadiável compromisso de todos e de cada um para que ninguém mais, inclusive as gerações vindouras, venha a suportar os sofrimentos que nos afligem.

Desde a sua fundação, na década de 1970, a Organização das Nações Unidas (ONU) amplia o seu horizonte de atividades para enfrentar as questões mundiais. Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), definidos em 2000, para serem alcançados até 2015, consistiam em melhorar a qualidade de vida de pessoas famintas e miseráveis. Em julho passado, o Grupo de Trabalho Aberto sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) – realizações que dão prosseguimento aos trabalhos iniciados pelas ODMs até 2030 – apresentou projeto de maior alcance. Frases como “acabar com

a pobreza em todas as suas formas e em todos os lugares”, “assegurar vida saudável e promover o bem-estar de todos, em todas as idades”,¹ não são meras palavras: significam o compromisso de respeitar a dignidade de todas as pessoas. Sem exceção.

O empenho dos países para alcançar os ODMs deu bom resultado: reduziu a 700 milhões o número de pessoas que vivem em extrema pobreza e a diferença entre meninos e meninas na educação básica. Conhecedor desses êxitos, o Grupo de Trabalho Aberto fixou números mínimos universais. Em Propostas de Paz, e em outras publicações, almejei maiores conquistas internacionais. Estou agradecido.

Recordo que o meu mestre Josei Toda, segundo presidente da Soka Gakkai (1900–1958), movido pelo sofrimento do povo da Hungria, em consequência da malsucedida revolta de 1956, declarou:

— *Desejo que a palavra ‘miséria’ nunca mais se refira ao mundo, a um país ou a qualquer indivíduo.*²



MUNDO Membros da SGI no Curso de Aprimoramento da Primavera no Soka Bunka Center (Japão, 2014)

“O futuro depende do inadiável compromisso de todos e de cada um para que ninguém mais, inclusive as gerações vindouras, venha a suportar os sofrimentos que nos afligem”

Martin Luther King Jr. (1929-1968) proferiu a célebre declaração:

— *A justiça é indivisível.*³

Esta era também a convicção do Sr. Toda, depois de ter sido preso, junto ao primeiro presidente da Soka Gakkai, Tsunesaburo Makiguchi (1871-1944), por resistirem ao controle do pensamento, imposto pelos militares japoneses durante a Segunda Guerra

Mundial. Ele afirmou que paz e segurança, prosperidade e felicidade não podem ser usufruídas só por um grupo de pessoas, enquanto tantos sofrem com a falta delas. Quando se deflagrou a Guerra da Coreia, a sua inquietação foi profunda:

— *Por causa desta guerra hedionda, muitos perderam maridos e mulheres e tanta gente ainda se desespera procurando filhos e pais desaparecidos.*⁴

A força da solidariedade com o sofrimento das pessoas é o espírito de compaixão. Ele deixou claro em sua visão de *nacionalismo mundial*: os seres humanos, de qualquer lugar ou nacionalidade, têm o direito de ser felizes.

No cerne desta convicção estava o desejo de livrar o mundo da miséria, o anseio de im-



HOMENAGEM Memorial Martin Luther King Jr., próximo ao Rio Potomac, Washington D.C.

SHUTTERSTOCK

pulsionar as atividades da SGI nos campos da paz, cultura e educação em apoio ao trabalho das Nações Unidas.

Reconheço que o esforço para alcançar a inclusão de “todas as pessoas, em todos os lugares”, como pretende o Grupo de Trabalho Aberto, ainda é extremamente difícil. Por isso, convém que voltemos ao espírito da Carta das Nações Unidas, que não admite exceção em seu compromisso, inscrito no preâmbulo: “preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra e reafirmar a fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor do ser humano” e promover “o progresso econômico e social de todos os povos”.

Desejo discutir três temas prioritários, decisivos para maior desenvolvimento internacional da ONU e, ao mesmo tempo, acelerar a eliminação da miséria neste mundo.

A reumanização da política e da economia

No recente agosto, o Instituto Toda para a Paz Global e Pesquisa Política, que fundei para honrar o legado do meu mestre, realizou em Istambul uma conferência de pesquisadores seniores. Estudou áreas de preocupação mundial: a guerra civil na Síria, o conflito entre Israel e Palestina, a situação do Iraque e da Ucrânia e as crescentes tensões na Ásia Oriental. Enfatizou novas tendências positivas e trocas de opiniões sobre a melhor forma de levá-las à prática. Além dessas questões críticas, como o fortalecimento da ONU, de outras agências internacionais e o desenvolvimento e poderes de solidariedade, imaginação e criatividade entre os membros da geração mais jovem, ressaltou a reumanização da atividade dos políticos, essencial para a redução do sofrimento dos indivíduos.

A Carta das Nações Unidas e a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) deixam claro o papel dos Estados na proteção desses valores fundamentais. Contudo, muitas vezes são os Estados a principal fonte de ameaça à vida e à dignidade das pessoas. Esta preocupação é motivo de meu diálogo constante com o secretário-geral do Instituto Toda, Dr. Kevin Clements, organizador da conferência.

Basta dar a guerra como exemplo mais cruel. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, só uma minoria de países foi capaz de não se envolver em conflitos armados. De toda maneira, os direitos humanos e as liberdades civis sempre são restringidos em nome da segurança do Estado e do aumento da força nacional e muitas vezes deixa vulnerável toda a sociedade. Nos últimos anos, desastres naturais e extremas mudanças climáticas expõem as pessoas a condições de privação inesperada. Responder por esse sofrimento é papel fundamental de qualquer tema político e abrange o campo da economia.

Há dois anos o papa Francisco fez um desafio, amplamente divulgado, ao sistema econômico atual: “Um desabrigado morre de frio e não é notícia? Mas quando a bolsa cai dois pontos sai na primeira página?”⁵ A fixação de índices macros como taxas de crescimento econômico acabam deixando de lado a preocupação com a qualidade de vida e a dignidade humana. O aumento da atividade econômica não alivia os sacrifícios dos miseráveis.

A palavra “política” é derivada do termo grego *politeia* que, entre os seus significados, indica o papel dos cidadãos dentro do Estado. O termo “economia” vem do grego *oikos* (casa, lar) + *nomos* (administração). Portanto, etimologicamente, tem o sentido de “administração da casa”. Hoje, o sentido original

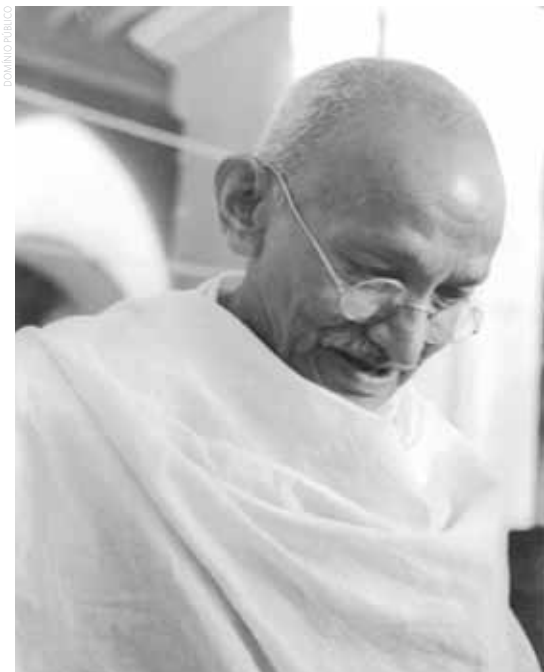


ACÃO Conferência de pesquisadores seniores promovida pelo Instituto Toda para a Paz Global e Pesquisa Política (ago. 2014)

destas palavras é ignorado, e os princípios norteadores das ações políticas e econômicas parecem apenas criar mais sofrimento para aqueles em circunstâncias difíceis.

A questão nos traz ao conceito de *darma*. De acordo com os ensinamentos budistas, salientado por Shakyamuni, o caminho fundamental que as pessoas deveriam seguir. *Darma*, derivado da raiz *dhr*, é um termo sânscrito que significa “aquele que suporta ou sustenta”. Em traduções chinesas de escritos budistas, ganhou o sentido de “a Lei” ou “o caminho”. Expressa a ideia de que, como indivíduos, necessitamos de algo que nos sustente. Como explica o estudioso budista Hajime Nakamura (1912-1999), existem caminhos e princípios que nós, seres humanos, devemos manter.⁶

É natural que aspectos específicos da prática política e econômica mudem de acordo com a época, mas há princípios que devem ser respeitados e padrões de condutas que não podem ser ignorados. Nos seus ensinamentos



ATIVISTA Mahatma Gandhi, pai da independência indiana (foto de 1944)

finalis, Shakyamuni encorajou seus seguidores a viver sempre de acordo com esse darma inerente. Comparou o darma a uma ilha, ideia de que ele funciona em meio à sociedade, ilha durante uma inundação, protegendo a vida das pessoas e proporcionando lugar de refúgio. Indo mais além, podemos dizer que o papel da política e da economia é oferecer em tempos de crise um espaço de segurança, especialmente para os mais necessitados, onde as pessoas recuperem a esperança de viver.

Se reconsiderarmos as origens da política do ponto de vista das pessoas comuns, encontraremos a esperança, quase devoção, capaz de tornar a sociedade um lugar melhor. Da mesma forma, as origens da economia encontram-se no desejo das pessoas comuns de desempenhar um papel útil na sociedade trabalhando na sua profissão. Quando as políticas funcionam em grande escala, nos depa-

“O que Gandhi está nos pedindo para manter em mente ao tomar decisões cruciais é o sofrimento das pessoas com as quais convivemos”

ramos com o chamado “déficit democrático”, pela ausência da vontade popular. O fenômeno correspondente no âmbito da economia seria o caso de excessos do setor financeiro em que a especulação descontrolada provoca perdas na economia do povo.

O que devemos fazer para conter estas tendências e ajustar os atuais sistemas políticos e econômicos?

Considero oportunas as palavras que Mahatma Gandhi (1869–1948) escreveu a um amigo: “Lembre-se do rosto da pessoa mais pobre que você já viu, e pergunte a si mesmo se o passo que você vai dar será de alguma utilidade para ela.”⁷

O que Gandhi está nos pedindo para manter em mente ao tomar decisões cruciais é o sofrimento das pessoas com as quais convivemos, em vez de uma dinâmica política que favoreça determinados interesses.

Sinto que isto é profundamente congruente com a ideia de caminho do meio ensinada no budismo. Caminho do meio não significa simplesmente evitar extremos de pensamento ou ação. Em vez disto, refere-se ao processo de alcançar o caminho; isto é, de viver e de criar a própria marca na sociedade enquanto constantemente questiona suas próprias ações para garantir que estejam de acordo com o caminho da humanidade. Ao incentivar

as pessoas a confiar no darma como uma ilha, Shakyamuni também recomendava que confiassem em si mesmas. Apontou o verdadeiro significado de caminho do meio: não seguir impensadamente os caprichos de alguém, mas, sim, como Hajime Nakamura afirmou, “confiar em seu verdadeiro eu, o eu em que podemos acreditar e sentir orgulho em qualquer momento”.⁸

Quando cada um de nós considera os que serão afetados por nossas ações e reflete sobre o peso de nossa responsabilidade, revela-se o nosso verdadeiro eu para o desenvolvimento do nosso humanismo. Com esta atitude, podemos, cada vez mais, explorar o significado e o papel dos sistemas políticos e econômicos e dar condições à sociedade para a sua reumanização. Este é o dinamismo essencial do caminho do meio.

As decisões tomadas com este propósito podem receber críticas por contrariar o costume atual da sociedade. Mas fracassar por ser fiel a suas convicções não é só deixar de fazer o bem; pior, pode provocar um sofrimento ainda maior a tantas pessoas. Esta era a fervorosa reivindicação de Tsunesaburo Makiguchi, o presidente fundador da Soka Gakkai.

Com o poder de suas palavras e ações, Makiguchi desafiou o fascismo militarista do Japão durante a guerra e o controle do pensamento. Iniciadas por volta de 1940, as reuniões da precursora da Soka Gakkai, a Soka Kyoiku Gakkai (Sociedade Educacional de Criação de Valor), eram submetidas à vigilância da Polícia Superior Especial. O periódico da organização, *Kachi sozo*, foi forçado a suspender suas publicações em maio de 1942 e, a partir de julho de 1943, Makiguchi foi detido e interrogado.

A uma pergunta de seus interrogadores deu a seguinte resposta:

Caminho do Meio

(sânsr. *madhyamā-pratipad*; jap. *chūdō*)

Caminho do Meio é uma expressão utilizada pelo budismo, de ricas conotações. No sentido mais amplo, refere-se ao aspecto da vida iluminada do buda e às ações ou atitudes que trarão felicidade para a pessoa e para os outros. Isto transcende a dualidade em que a maioria dos pensamentos se baseia. Por exemplo, o budismo descreve a vida como “uma realidade que transcende tanto as palavras como os conceitos de existência e não existência. Ela não é existência nem não existência, no entanto mostra características de ambas”. Em outras palavras, a vida é a expressão máxima da harmonia das contradições. A sabedoria que surge da visão iluminada da vida leva à capacidade de conciliar posições aparentemente contraditórias, de ultrapassar extremos de pontos de vista opostos, enraizar-se na profunda realidade da vida e, desta maneira, vislumbrar o caminho para a paz.

— Às vezes as pessoas, muito preocupadas com a opinião da sociedade, satisfazem-se com um modo de vida que não faz bem nem mal, quando muito um bem limitado. Em casos extremos, leva à conclusão de que é aceitável fazer qualquer coisa, contanto que não seja proibido por lei. Considero todos esses modos de vida uma forma de calúnia contra o darma budista.⁹

Por calúnia, Makiguchi se refere a ações contrárias aos ensinamentos do budismo;



MESTRE E DISCÍPULO Josei Toda ao lado de seu mestre, Tsunesaburo Makiguchi

mas em sentido mais amplo, nos incentiva a refletir sobre todas as ações que não estejam em harmonia com o caminho da humanidade. Comum a casos em que os resultados da atividade política e econômica resultam em miséria, está a indiferença com a dor dos outros e a ânsia pela autojustificação, como Makiguchi condenou. Enquanto prevalecer essa forma de pensar, o próprio sucesso da prosperidade não se sustenta, mas se renderá à miséria do egoísmo, *après-moi-le-déluge* [“depois de mim, o dilúvio”].

O predomínio de tais ações aumenta a importância do desafio de reorientar as atividades políticas e econômicas para aliviar o sofrimento humano – sua reumanização.

Alguns exemplos: 110 países já criaram, entre outras, instituições nacionais de direitos humanos nos moldes solicitados pelo Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas. Elas incentivam o enquadramento legal para a proteção dos direitos humanos e à educação. Em minha *Proposta de Paz* de 1998, insisti para que as ONGs fossem incluídas em parcerias construtivas para aperfeiçoar suas formas de trabalho.¹⁰

No campo da economia, onze membros da União Europeia chegaram, em maio de 2014, a um acordo de execução conjunta de um imposto sobre transações financeiras. Refletindo lições da crise de 2008 e o duro golpe sofrido pela economia mundial, criavam um regime de tributação de transações financeiras para desencorajar a especulação e corrigir os programas de distribuição. Tomara que resulte em 2016. Há seis anos, solicitei em minha proposta a aplicação mais ampla desses impostos de solidariedade internacional para apoiar a efetivação dos ODMs. Sugeri que um imposto sobre transações financeiras poderia ser elemento de uma competição positiva, pelo qual Estados disputam entre si o desenvolvimento de novas concepções para o futuro.¹¹ A realização dos ODS exige iniciativas ainda mais criativas.

A força criadora essencial para a reumanização da atividade política e da economia é a solidariedade dos cidadãos comuns que levantam a voz no compromisso inabalável para o nosso futuro coletivo. Em uma de suas primeiras obras, Makiguchi salientou que o

UN PHOTO/PIERRE-MICHEL VIRROT



UNIÃO Participantes se encontram para a 10ª sessão do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas (5 mar. 2009)

A Soka Kyoiku Gakkai e a opressão religiosa durante a Segunda Guerra Mundial

A Soka Kyoiku Gakkai (Sociedade Educacional de Criação de Valor) foi fundada por Tsunesaburo Makiguchi e Josei Toda em 1930. Originalmente tratava-se de um pequeno grupo de educadores dedicados à reforma educacional. O grupo tornou-se gradualmente em organização com ampla adesão, propagando o Budismo de Nichiren Daishonin, com o propósito de reformar não só a educação, mas toda a sociedade. Por conta disto, entrou em conflito direto com o governo militarista da época, que encarava a educação como forma de moldar as pessoas para servir ao Estado e impunha a ideologia xintoísta para justificar sua agressão em tempo de guerra. No fim da década de 1930 e durante toda a guerra, os membros da Soka Kyoiku Gakkai foram submetidos à crescente vigilância policial e perseguição. Tanta foi a opressão sofrida, que a Soka Kyoiku Gakkai foi efetivamente esmagada. O Sr. Makiguchi e o Sr. Toda foram presos como “criminosos do pensamento” em 1943, e Makiguchi morreu na prisão em 1944.

espírito inspirador de uma sociedade não existe sem a contribuição solidária de cada indivíduo. Uma nova consciência social surge da comunicação e disseminação da mudança do discernimento das pessoas.¹²

Em diálogo com Elise Boulding (1920–2010) renomada pesquisadora de estudos da paz sobre as metodologias de transformação social, ela me declarou:

— *Faz tempo acredito que um mundo saudável e pacífico é possível se nos dedicarmos com amor ao desenvolvimento de cada membro da comunidade.*¹³

Afirmou que a direção da sociedade futura será determinada pelos 5% que estão comprometidos. Esta porcentagem, em última análise, transforma a cultura na sua totalidade. De sua confiança, ganho grande esperança.

Neste sentido, não são apenas números, mas a força e a profundidade de nossa solidariedade que nos levarão pelo caminho da reumanização da política e da economia: gerando solidariedade, nacional e internacional, entre os cidadãos comuns que não desejam ver ninguém sofrendo na miséria, eles são a chave para transformar o rumo da história.

A reação em cadeia do empoderamento

O segundo tema prioritário que desejo expor é o que chamo de “a reação em cadeia



CULTURA DE PAZ Elise Boulding e Ginny Benson (à esquerda), pesquisadora sênior no Centro Ikeda para a Paz, a Aprendizagem e o Diálogo, com um exemplar do diálogo entre a Sra. Boulding e o Dr. Daisaku Ikeda; foto tirada na casa de repouso meses antes de a Sra. Boulding falecer em 24 de junho de 2010

do empoderamento”, pela qual as pessoas desenvolvem a capacidade de transcender o sofrimento.

As catástrofes e desastres climáticos extremos das últimas décadas causaram danos e crises humanitárias em todo o mundo. Entre eles o terremoto de Kobe (1995), o terremoto e tsunami no Oceano Índico (2004), o terremoto no Haiti (2010), o terremoto e tsunami do leste do Japão (2011) e o tufão Haiyan, que atingiu as Filipinas em 2013. De acordo com as estatísticas da ONU, 22 milhões de pessoas ficaram desabrigadas em consequência das catástrofes naturais em 2013, cerca de três vezes mais que o das pessoas expulsas de suas moradias por conflitos armados.¹⁴

Eu também experimentei a tristeza profunda de perder minha própria casa. Durante

a Segunda Guerra Mundial, a doença do meu pai e o recrutamento dos meus quatro irmãos mais velhos prejudicaram as finanças da família, obrigando-nos a vender a casa da minha infância. Depois disso, nossa moradia foi demolida para criar uma área de proteção contra incêndio e, logo depois de mudarmos para uma nova casa, ela foi atingida por uma bomba incendiária e queimada completamente.

Devido a essa experiência, posso imaginar a tristeza e o desespero dos que perderam seus entes queridos ou foram forçados a deixar suas casas. É a dor de perder o mundo em que se vive. O verdadeiro desafio de restauração e recuperação deve ser o de restaurar a esperança e a vontade de viver das vítimas. Para este fim, é essencial o apoio contínuo da sociedade como um todo.

“A direção da sociedade futura será determinada pelos 5% que estão comprometidos. Esta porcentagem, em última análise, transforma a cultura na sua totalidade”

Esta experiência de perder o seu lugar – o sentimento de pertencer e de comunidade – é, na verdade, predominante em todo o mundo, nem sempre de forma tão dramática. Estima-se que no Japão uma em cada cinco pessoas, com idade superior a 65 anos, vive na pobreza e uma em cada seis crianças sofre privações, incluindo insegurança alimentar.¹⁵ Para muitos, o desgosto da privação econômica é agravado pela sensação de isolamento social.

Na busca de soluções para o problema, é valiosa a contribuição da filósofa política americana Martha C. Nussbaum. Ela observa que as concepções tradicionais de contrato social não incluíram mulheres, idosos, crianças e pessoas com deficiência. E cita a influência do utilitarismo como razão para esquecer o sofrimento de algumas pessoas. Ela afirma:

A grande dor e penúria de uma pessoa podem ser compensadas pela excessiva boa sorte de tantas pessoas? Eis um fato moral de extrema importância – cada pessoa tem apenas uma vida – que se apagou.¹⁶

Nussbaum nos exorta a ir além da ideia de vantagens mútuas como o único princípio organizador da sociedade. Exige uma reconfiguração, fundada no conceito de dignidade humana que a ninguém exclui. Ela afirma que

Os quatro encontros

A história dos quatro encontros aparece em vários escritos budistas como a motivação de Shakyamuni para renunciar ao mundo secular e buscar uma vida religiosa. Shakyamuni nasceu como príncipe e levou uma vida isolada dentro do palácio, sem ser exposto às manifestações do sofrimento humano. Em três raras excursões para fora dos muros do palácio, numa ele se deparou com um homem de aparência enrugada devido à idade; noutra, com uma pessoa arruinada pela doença e, afinal, com um cadáver. A partir destes encontros, Shakyamuni despertou para os quatro sofrimentos do nascimento, doença, envelhecimento e morte. O quarto encontro foi com um asceta religioso, cuja serena dignidade inspirou Shakyamuni a embarcar numa busca espiritual para saber entender como os sofrimentos da condição humana poderiam ser superados.

cada um de nós, por doença, idade ou acidente, pode em algum momento requerer a ajuda de outros para viver. E insiste que todos nós consideremos uma nova direção para a sociedade como questão de profunda preocupação pessoal.

A tese de Nussbaum tem muito em comum com a preocupação central do budismo, o sofrimento que inevitavelmente acompanha as fases da vida: nascimento, envelhecimento, doença e morte. Como a famosa história dos quatro encontros simboliza, antes mesmo de entrar para a vida religiosa, Shakyamuni entristeceu-se – muito mais do que pela realidade do envelhecimento e da doença – pelo

“Um dos ensinamentos fundamentais do budismo Mahayana é a ideia da ‘origem dependente’, de que o mundo é tecido com a ligação de vida a vida”

fato de que pessoas foram obrigadas a enfrentar solitárias estes sofrimentos, morrendo sozinhas numa beira de estrada ou deitadas com uma doença sem qualquer cuidado. Ficou particularmente comovido com a ruptura de contato com os outros e com a natureza do sofrimento no isolamento.

De fato, ao longo de suas atividades como professor, Shakyamuni regularmente assistia e cuidava dessas pessoas e advertia duramente os seus discípulos para que não fechassem os olhos para esses sofrimentos. Recordo um ensinamento: “Quando a necessidade surge, como é bom ter amigos”.¹⁷ Nem a doença nem o envelhecimento, de forma alguma, diminuem o valor essencial da nossa vida. Mas, as pessoas ficam desesperadas quando são isoladas e se tornam incapazes do sentido de conexão e de ser aceitas naquela situação. Uma realidade que Shakyamuni não podia aceitar.

Um dos ensinamentos fundamentais do budismo Mahayana é a ideia da “origem dependente”, de que o mundo é tecido com a ligação de vida a vida. Esta compreensão da interconexão nos permite até mesmo tornar as experiências dolorosas da doença e do envelhecimento em oportunidades para elevar e enobrecer a nossa vida e a dos outros. Mas é verdade que o simples conhecimento intelectual

sobre interconexão não é suficiente para realizar essa transformação positiva.

“Quando nos curvamos diante de um espelho, a imagem refletida curva-se de volta para nós em reverência”.¹⁸ Como a citação ilustra, somente quando sentimos e prezamos nos outros a existência de uma valiosa e insubstituível dignidade como a que existe em nossa própria vida é que a ligação de vida a vida se torna verdadeira. Então, as lágrimas e os sorrisos que trocamos despertam em cada um de nós uma vontade corajosa de viver.

O psicólogo Erik H. Erikson (1902-1994), conhecido por seu trabalho sobre o conceito de identidade, tem uma visão que se assemelha ao dinamismo da “origem dependente”:

Aqui, a convivência significa mais do que a proximidade ocasional. Significa que as fases da vida do indivíduo estão “intervivendo”, engrenando com os momentos de outros que o movem à medida que ele os move.¹⁹

Gostaria de fazer referência às ideias de Erikson, enquanto exploro as infinitas possibilidades que surgem do ensinamento da “origem dependente”, ou seja, a capacidade de autoempoderamento que permite às pessoas oprimidas pelo sofrimento iluminar sua comunidade e a sociedade como um todo com a luz da sua dignidade.

A primeira das ideias de Erikson é a de que a pessoa madura sente precisão de ser necessária.²⁰ Entendo que isto significa que, independentemente da nossa condição, uma vez que somos feitos para nos sentirmos necessários aos outros, seremos movidos pelo desejo de necessitar dos outros. Este desejo desperta as capacidades inerentes à vida, mantendo viva a chama da dignidade humana.



DIÁLOGO Dr. Kevin Clements, presidente da Fundação de Estudos da Paz e de Conflitos, com o Dr. Daisaku Ikeda em Tóquio, Japão (1996)

Esta ideia nos traz o exemplo de Elise Boulding, a quem já citei, e como ela viveu os seus últimos anos. Algum tempo antes de sua morte, a Dra. Boulding foi visitada por vários membros da SGI. Com mais de 80 anos, ela explicou que, embora não tivesse mais energia para elaborar livros inteiros, ficava feliz de atender pedidos para escrever prefácios de obras escritas por amigos e alunos.

Depois de entrar para uma casa de repouso, com a saúde agravada, ela viveu motivada pela ideia de ter algo que pudesse fazer. Como seu aluno Dr. Kevin Clements se recorda, ela sentia que poderia trazer algo de bom sorrindo àqueles ao redor, sendo gentil e agradecendo à equipe médica pela atenção. Até pouco antes de sua morte, ela continuou a receber os visitantes com um magnífico espírito de hospitalidade, como sempre demonstrou aos que iam à sua casa.

A Dra. Boulding nos mostrou que sempre somos capazes de manter um sentido de co-

nexão com os outros, e, por meio dele, proporcionar momentos de autêntica felicidade aos que nos rodeiam, e nossa condição humana ganha um brilho cada vez maior. Momentos que se gravam em nosso ser, no nosso próprio coração e no das outras pessoas. Este nobre brilho interior da vida é a manifestação de um empoderamento que persiste em qualquer circunstância.

Outro elemento do pensamento de Erikson é a ideia de que o esforço para recompor o sentido tem o poder de evitar o sofrimento causado pela geração e difusão de ciclos destrutivos. Não podemos refazer nossas vidas, mas ao recontar a alguém os passos que nos levaram ao presente podemos reformular o sentido dos eventos pretéritos. Erikson considerava isso uma fonte de esperança.

Este fenômeno mental também se encontra nas atividades religiosas da SGI, em particular no compartilhamento de experiências pessoais, quando os praticantes desenvolvem juntos profunda confiança. A tradição de realizar pequenas reuniões de diálogo em grupo data da época do presidente fundador da Soka Gakkai, Tsunesaburo Makiguchi.

As pessoas dizem o que lhes traz felicidade e como encontraram sentido na vida, e não só dissabores, morte na família, doenças, problemas financeiros, dificuldades no trabalho e situações familiares, discriminação e preconceito. É a ocasião de reconhecimento coletivo de importância e natureza insubstituíveis da jornada da vida de cada indivíduo, onde as lágrimas de alegria e tristeza são livremente compartilhadas e as pessoas incentivadas na luta para transformar o sofrimento.

Por esse intercâmbio, o que fala desenvolve uma clara consciência de que tudo o que viveu marcou a formação do seu eu e é combustível para o seu progresso. Para os ouvintes



TROCA DE EXPERIÊNCIAS Intercâmbio dos membros da SGI do México e da República Dominicana com os membros do Japão durante Curso de Aprimoramento (Japão, 2013)

tes, a experiência compartilhada pode ajudá-los a ter a coragem necessária para enfrentar os próprios desafios. Essa reação em cadeia com base na empatia está no centro da nossa prática da fé.

Gostaria ainda de salientar o impacto de longo alcance da história de vida de uma única pessoa que conseguiu descobrir o senso de missão nas profundezas do seu sofrimento. São histórias que transcendem fronteiras nacionais, conectam gerações e transmitem coragem e esperança para muitos.

Erikson distingue a história de Gandhi como um modelo de sua filosofia, e chegou até mesmo a escrever a biografia deste líder pacifista. Erikson descreve os jovens que se reuniram em torno de Gandhi:

Estes jovens, então, altamente talentosos em vários aspectos, parecem ter sido unidos por um “traço” de personalidade,

uma preocupação precoce e ansiosa pelos abandonados e perseguidos, em primeiro lugar dentro de suas famílias, e mais tarde num círculo maior de intensa preocupação.²¹

Este processo espelha, sem dúvida, as próprias motivações de Gandhi. Sua experiência de ser discriminado na juventude o levou a lutar pelos direitos humanos na África do Sul e, por fim, a dedicar-se ao movimento pacífico pela independência da sua Índia. Seu maior desejo era que toda a humanidade fosse libertada da opressão. Esta intensa paixão moveu os jovens que atuaram com ele.

Após a morte de Gandhi, o seu exemplo serviu como estrela-guia para os que lutam pela causa da dignidade humana, entre eles

Martin Luther King Jr. e Nelson Mandela (1918-2013). Quando me encontrei com o presidente Mandela em julho de 1995, lemos juntos um artigo sobre a experiência de Gandhi encarcerado escrito por Mandela em comemoração do 125º aniversário do nascimento de Gandhi a uma revista acadêmica, para a qual também escrevi um ensaio. Ele diz:

Gandhi suportou o cárcere no início do nosso século. Ainda que o tempo nos separe, permanece entre nós um vínculo, o de nossas experiências de prisão compartilhadas, nosso desafio lançado às leis injustas e a violência que ameaça nossas aspirações à paz e ao entendimento.²²

O fato de que Gandhi trilhava esse caminho de adversidades foi, com certeza, importante fonte de força para que Mandela não se deixasse abalar pela prisão que durou mais de 27 anos.

Há cinquenta anos comecei a escrever o romance *Revolução Humana*, em vários volumes, da história da Soka Gakkai. Descrevo a ideia de que a grandiosa revolução humana de uma única pessoa um dia vai impulsionar a mudança total do destino de um país e, além disto, será capaz de transformar o destino de toda a humanidade. É uma reação em cadeia de empoderamento em que ilimitadas possibilidades se expandem no espaço para cruzar as fronteiras nacionais, a tempo de conectar diferentes gerações.

A expansão da amizade para acabar com a guerra

O terceiro tema prioritário que quero debater é a expansão da amizade além das diferenças, para construir um mundo de coexistência.



BRAVURA Nelson Mandela, presidente do Congresso Nacional Africano, participa da primeira eleição livre organizada na África do Sul (1º abr. 1994)

Nos últimos anos, houve importantes mudanças na natureza dos conflitos que suscitaram novas preocupações. E vem aumentando a incidência da internacionalização dos conflitos internos em outros países e de grupos que se tornam participantes ativos. Tais acontecimentos, por exemplo, tornam mais complicada qualquer perspectiva de trégua ou paz na guerra civil síria.

Além disso, o objetivo da ação militar muda gradualmente. O propósito da guerra, definido pelo pensador militar alemão Carl

von Clausewitz (1780–1831) é obrigar o adversário a aceitar a vontade do outro. Agora, no entanto, a ênfase está na eliminação de qualquer grupo considerado inimigo. Nas zonas de conflito, é comum o ataque militar por controle remoto ferir ou matar civis, inclusive crianças. É preciso refletir sobre o resultado final da ação militar que não hesita, nem pensa na humanidade do inimigo, nem considera o seu direito de existir.

Os horrores que resultam de dramáticos avanços na tecnologia de armas combinadas com uma ideologia eliminadora não apenas contrariam a carta do direito internacional humanitário, são fundamentalmente inadmissíveis à luz do caminho da humanidade.

No ano passado, a ONU iniciou um debate sobre a ameaça representada pelos Robôs Autônomos Letais (LAWS), ou “robôs assassinos”. Precisamos ficar atentos: estamos no limiar da automação de guerra em larga escala.

Ao mesmo tempo, devemos reconhecer que as ideologias eliminacionistas não estão limitadas às áreas de conflito, mas possuem raízes em vários lugares ao redor do mundo. Em dezembro de 2013, a ONU lançou a campanha Direitos Humanos à Frente, que visa a atender à advertência implícita nas violações individuais de direitos humanos e responder por elas antes que se transformem em massa ou crimes de guerra.

O discurso de ódio, por exemplo, está se tornando grave problema social em muitos países. Mesmo quando não leva à violência direta de crimes de ódio, ele surge do mesmo desejo maligno de prejudicar os outros. É uma violação de direitos que não pode ser ignorada. Não há quem ache aceitável a violência ou a opressão por simples preconceito contra ele ou sua família. Mas quando contra outras etnias ou populações, não é incomum

O Sutra Vimalakirti

O Sutra Vimalakirti é um sutra budista Mahayana. Vimalakirti, o protagonista do sutra, é um rico e proeminente seguidor leigo do buda Shakyamuni. O Buda procura alguém que lhe possa trazer notícias de Vimalakirti, que está doente. Os principais discípulos do Buda e os grandes bodisatvas não se consideram dignos para cumprir a tarefa, uma vez que, num dado momento, foram vencidos em debate por Vimalakirti. Por fim, o bodisatva Manjushri concorda em ir. Questionado por Manjushri sobre a causa da doença, Vimalakirti responde com simplicidade: se todos os seres vivos estão doentes, ele também se encontra doente. É natural que os bodisatvas, por considerar os seres vivos como filhos, compartilhem o sofrimento de todos eles. Este sutra cria o ideal do bodisatva do Mahayana: jamais fazer distinção entre as pessoas. O sutra cita ainda vários relatos de como Vimalakirti demonstrara melhor compreensão dos ensinamentos budistas do que os dez principais discípulos de Shakyamuni. Entre os ensinamentos do sutra está o da não dualidade ou a unidade dos fenômenos que, à primeira vista, são opostos como a vida e a morte e o bem e o mal. Ao ser questionado sobre a definição da não dualidade, Vimalakirti permanece em silêncio, numa demonstração que a natureza de todos os fenômenos vai além da descrição.

pessoas considerarem justificável por algum defeito ou falha atribuído às vítimas.

Para evitar essas situações agravantes, o primeiro passo é encontrar um meio de colocar um frente ao outro, livre desse desvio psi-

cológico coletivo. Pode ajudar um episódio do Sutra Vimalakirti, que descreve as interações entre um discípulo de Shakyamuni, Shariputra, e uma divindade feminina.

Shakyamuni exortou o discípulo Manjushri a visitar um doente, o praticante leigo Vimalakirti. Outro de seus discípulos importantes, Shariputra, decidiu acompanhá-lo. A visita resultou numa profunda discussão entre Manjushri e Vimalakirti sobre os ensinamentos do Buda.

No auge da conversa, uma deusa que estava entre os ouvintes deu a todos flores de presente, como expressão de alegria. Shariputra disse que tais pétalas não eram apropriadas para um praticante do caminho e tentou tirá-las, mas elas ficaram presas a ele. Vendo isto, a deusa disse: “As flores não discriminam, mesmo que você diferencie pessoas”, apontando para as plantas que ele segurava.

Shariputra reconheceu a verdade do que ela disse, mas continuou a questioná-la. A deusa usou seus poderes mágicos para transformá-lo na forma dela e ela na dele. E prosseguiu apontando para Shariputra, perplexo na profundidade de sua consciência discriminadora, depois ambos retornaram às formas originais. Graças à sequência impressionante de eventos, Shariputra reconheceu que o nosso coração não pode ser afetado por aparências externas e que todas as coisas não tem forma fixa duradoura.

O que acho importante neste episódio é como a experiência de troca de formas deu a Shariputra a consciência do seu olhar discriminador contra a divindade feminina. E reconheceu profundamente o seu erro.

Com o avanço da globalização, nos países de fronteiras abertas, pessoas que os visitam ou vão viver em outro lugar, reconhecem o tipo de olhar discriminador que, inconscientemente, lançam sobre estrangeiros que vivem

**FUNDADOR DO
BUDISMO** Ilustração de
Shakyamuni



em seu país de origem. É essencial que a pessoa se esforce para compreender o outro e ver as coisas com os olhos dele.

Esta falta de consciência, particularmente em tempo de tensões, pode desvirtuar a nossa própria ideia sobre paz e até ameaçar a vida e a dignidade das pessoas. Por isso é tão importante a inversão de perspectivas vividas por Shariputra. Permite que vejamos a ameaça implícita em nosso olhar. E nos encoraja a pensar na reação infeliz dos outros e ao mesmo tempo subverte a nossa certeza.

Shariputra hesitou quando Shakyamuni lhe propôs visitar Vimalakirti. Ao chegar com Manjushri, sua primeira reação foi a de que não havia lugar para ele se sentar. Por sua vez, quando Manjushri perguntou a Vimalakirti a causa de sua doença, ele respondeu:

— *Como todos os seres adoecem, eu estou doente.*

Ele passou a dizer aos visitantes que, caso estivessem realmente preocupados com o seu bem-estar, seria melhor manifestar o seu cuidado por outras pessoas enfermas. Assim, enquanto Shariputra se preocupava obsessivamente consigo, Vimalakirti preocupava-se

com a realidade do sofrimento vivido por todos, independentemente da circunstância e da distinção entre o outro e o eu.

Ao olharmos para as condições atuais do mundo através da lente do contraste retratado neste sutra, podemos extrair a seguinte lição: a paz e a justiça deveriam ser vividas como um bem comum, mas se tornam divisíveis pela excessiva preocupação com o eu e justificam a violência e a opressão contra quem estamos em conflito.

É por isto que a expansão da solidariedade humana diante das ameaças enfrentadas por todos nós – como o da incidência de desastres climáticos ou danos catastróficos causados pelo uso de armas nucleares – é a chave para o alívio do sofrimento humano.

A primeira coisa que um de nós pode fazer, a qualquer momento, para contribuir na construção de solidariedade é chamar os amigos para uma ampla frente fraternal. Na troca de ponto de vista entre o Islã e o budismo com o falecido presidente indonésio Abdurrahman Wahid (1940-2009), ele ressaltou que o diálogo oferece um rosto igualmente humano aos que são de diferentes etnias, culturas ou contextos históricos. Por meio de encontros e do convívio, entramos em sintonia com as narrativas de vida uns dos outros. Mesmo que reconheçamos e apreciemos a grande importância de tais atributos como religião ou etnia, não devemos permitir que se tornem o eixo do nosso encontro. O sentimento compartilhado e a confiança promovida por estes encontros dão origem a melodias únicas que só podem ser compostas por duas vidas. Creio que são o verdadeiro valor e o significado da amizade. Ou, como diz o historiador Arnold Toynbee J. (1889-1975), “Tais vislumbres do mundo real são esboços de valor inestimável”.²³

A amizade evolui livremente quando deixamos de nos preocupar tanto com os nossos próprios atributos e enxergamos o outro à luz brilhante de sua humanidade. A partir do meu diálogo com o Dr. Toynbee, há 43 anos, tive o privilégio de prolongadas conversas com importantes personalidades de muitas origens culturais, étnicas, religiosas e diferentes contextos nacionais. O fio que nos ligava sempre foi a preocupação comum com o futuro humano e, com as nossas conversas, desenvolvemos ricas e recompensadoras amizades.

Os membros da SGI, movidos pela amizade, entregam, vida a vida, e empenham-se em realizar a transição de uma cultura de guerra dominada por ideologias de exclusão para uma cultura de paz em que as diferenças são celebradas como fonte da diversidade humana e há entre todos uma vontade de defender a dignidade do outro.

Ao promovermos intercâmbios culturais e educacionais, criamos oportunidades para encontros pessoais, para fortalecer a confiança e aprofundar as amizades. Nossa esperança é de que estes vínculos impeçam qualquer tendência a ideologias xenófobas que surjam, especialmente em tempos de tensões entre os Estados. Procuramos construir sociedades sólidas e resistentes às forças negativas do desvio psicológico coletivo. Mesmo com o esfriamento de relações políticas e econômicas, trabalhamos para manter abertas as vias de diálogo e de comunicação, esforço que já atravessa gerações.

No ano passado, a Associação de Concertos Min-On, que fundei em 1963, criou o Instituto de Pesquisa de Música Min-On. Com a experiência de cinco décadas na promoção de intercâmbios musical e cultural com companhias de artistas e instituições em 105 países e territórios, o Min-On vai estudar o papel e o



PELA PAZ Daisaku Ikeda e o historiador Arnold Toynbee caminham e dialogam sobre os temas mais polêmicos da humanidade (Londres, 1972 e 1973)

potencial da música e das artes – o poder da cultura – na promoção da paz.

Com diálogos inter-religiosos ou entre civilizações diferentes promovidos por organizações nacionais da SGI, repartimos noções de como interromper os arraigados ciclos de

ódio e violência. Guiado pela determinação de aliviar o sofrimento humano, como ponto de partida, nos engajamos em discussões sobre preocupações comuns, a fim de levar adiante a sabedoria de cada tradição cultural e religiosa e esclarecer a ética e as normas de comportamento capazes de romper impasses.

São pertinentes, a propósito, as palavras do ex-presidente tcheco Vaclav Havel (1936–2011), proferidas em 1996:

A única tarefa significativa para a Europa do próximo século é ser cada vez melhor, isto é, ressuscitar e imbuir sua vida com suas melhores tradições espirituais e, assim, ajudar a moldar criativamente um novo padrão de convivência global.²⁴

Se no lugar de “Europa” lermos “a civilização ou religião de cada um”, o apelo de Havel será um modelo para o diálogo que buscamos; repartimos a energia vital do melhor em nossas respectivas tradições espirituais; aprimorar a visão da plenitude de nossa humanidade; aprender a iniciar a ação comum a todos, dando o melhor de nós. Este é o verdadeiro significado do diálogo inter-religioso e entre civilizações.

Estas atividades nos permitem ajudar as pessoas a recusar a cumplicidade da violência e da opressão, para aumentar o magnetismo do *ethos* de coexistência e construir muralhas



CONVIVÊNCIA GLOBAL Vaclav Havel (centro), primeiro presidente da República Tcheca, fala sobre a situação da Coreia do Norte em Conferência da ONU (16 nov. 2006)

contra a guerra. Trabalhamos para fortalecer a solidariedade humana com a determinação comum de impedir que a miséria indesejável por nós atinja a vida de qualquer pessoa.

No Sutra Vimalakirti, há uma cena que descreve a aparência de um dossel de joias que abrange o mundo inteiro. Quinhentos jovens se reuniram em torno de Shakyamuni, cada um com o próprio porta-joias. Este magnífico dossel surgiu quando os guarda-sóis individuais dos jovens se uniram em um instante, para simbolizar o desejo de criar uma sociedade de coexistência pacífica. Seus respectivos guarda-sóis já não serviam apenas para proteger cada um deles do vento e da chuva ou dos raios escaldantes do sol. Em vez disto, estes jovens, cada um com seu próprio caminho na vida, levantaram-se acima de suas diferenças numa única determinação. Foi assim que este grande dossel protetor veio para a existência. É um belo símbolo das ilimitadas possibilidades de solidariedade humana.

Creio que esta solidariedade é uma das novas metas de desenvolvimento internacional a serem adotadas pela Organização das Nações Unidas até 2030 – a determinação de proteger a vida e a dignidade de todas as pessoas na Terra de todas as formas de ameaça e miséria. Estes objetivos só serão atingidos com essa solidariedade.

A evolução criadora da ONU

Faço, agora, propostas específicas para enfrentar questões que necessitam urgentemente de abordagem criativa que vá além do escopo do pensamento convencional, indispensáveis para eliminar a miséria da face da Terra.

Entre o que guardo da história da Organização das Nações Unidas, lembro-me bem das palavras do segundo secretário-geral Dag Hammarskjöld (1905-1961) em seu relatório anual de 1960:

A Organização das Nações Unidas é uma criação orgânica da situação política voltada para a nossa geração. Ao mesmo tempo, no entanto, a comunidade internacional, por assim dizer, introduziu a autoconsciência política na organização e, portanto, pode usá-la de forma significativa, a fim de influenciar essas mesmas circunstâncias pelas quais a organização é uma criação.²⁵

Apesar das limitações estruturais e restrições que enfrenta como organização composta por Estados soberanos, a ONU, ao longo dos anos, tem alimentado a autoconsciência da comunidade internacional que lhe fornece ímpeto para cumprir sua missão original.

Por meio de seus esforços para realizar o espírito da Carta, a ONU tem influenciado as políticas dos governos pelo conjunto de prin-

RELATÓRIO Dag Hammarskjöld (1905-1961), segundo secretário-geral das Nações Unidas

cípios que nação alguma deveria minar. Um exemplo é a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH).

Jacques Maritain (1882-1973), filósofo francês profundamente envolvido no processo de elaboração da DUDH, salientou que pessoas opostas em suas concepções teóricas podem chegar a um acordo prático sobre direitos humanos fundamentais.²⁶ Os redatores da Declaração não poderiam chegar a essa anuência, com seus diferentes pressupostos ideológicos e culturais, não fosse o poder da plataforma comum fornecida pela ONU.

A ONU alerta o público para questões urgentes ao formular conceitos como desenvolvimento sustentável e segurança humana e nomear os Anos Internacionais e as Décadas das Nações Unidas. Além disso, organiza medidas internacionais para combater a violência contra as mulheres e o trabalho infantil, sérios problemas que não receberiam a devida atenção em contextos domésticos.

O sentido de proteção garantindo a vida e a dignidade das pessoas é constantemente ampliado, para melhor aplicação do direito internacional, não só pelos Estados, mas também pelos indivíduos graças à construção de “sobreposição de consenso”, em benefício dos oprimidos. Creio que só a ONU pode desempenhar papel tão indispensável.

Ao adotarmos novos objetivos de desenvolvimento para enfrentar os desafios em missão mais ambiciosa do que a dos ODM, devemos trabalhar solidários, com espírito de



luta para a evolução criadora da ONU “sem a armadura de convicções ou fórmulas”,²⁷ nas palavras de Hammarskjöld.

Num prenúncio desses esforços, a inaugural Assembleia Ambiental da ONU realizou-se em Nairóbi, no Quênia, em junho de 2014, com a participação de todos os Estados-membros, início da reforma estrutural do Programa Ambiental da ONU (Unep). Participaram representantes de organizações da sociedade civil envolvidos com questões ambientais e da comunidade empresarial.

Ênfase dois pré-requisitos para a resolução dos problemas globais: a participação de todos os Estados e a colaboração entre as Nações Unidas e a sociedade civil. É necessário desenvolver uma ação compartilhada por estes dois pilares para enfrentar não só os desafios ambientais, mas toda a sorte de ameaças à vida e à dignidade das pessoas. Devem estar no centro da evolução criadora das Nações Unidas, para marcar seu 70º aniversário, neste ano.



DECLARAÇÃO Versão em inglês de cartaz representando a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). A Declaração foi adotada e proclamada pela resolução 217 A III da Assembleia Geral das Nações Unidas de dezembro de 1948. (Nova York, 1º nov. 1949)

Foi a filósofa política Hannah Arendt (1906–1975) quem chamou o século 20 de século dos refugiados. Ela escreveu:

Algo muito mais fundamental do que a liberdade e a justiça, que são direitos dos cidadãos, está em jogo quando pertencer à comunidade em que se nasce não é mais uma questão natural e não pertencer não é mais uma questão de escolha.²⁸

Diante da missão da ONU, concentro-me em três propostas concretas, certo da urgente necessidade de ação comum para eliminar a palavra miséria do léxico humano:

1. A proteção dos direitos humanos dos desabrigados e migrantes internacionais;
2. A proibição e eliminação das armas nucleares; e
3. A conquista de uma sociedade global sustentável.

Proteger os direitos humanos dos desabrigados

A primeira proposta de ação conjunta é a proteção dos direitos humanos dos refugiados, desabrigados e migrantes internacionais. Proponho a adoção de proteções específicas dos direitos e da dignidade de todas estas pessoas pela Assembleia Geral neste outono.

Já mencionei que meu mestre Josei Toda tinha em mente o grande número de refugiados e seu sofrimento após a revolta húngara de 1956 quando expressou o desejo de livrar o mundo da miséria.

O fundamento da dignidade da pessoa humana é a existência de um mundo no qual podemos vivenciar e expressar a nossa identidade; ser excluído deste mundo e de todos os direitos humanos garantidos por ele é a fonte do sofrimento de pessoas desalojadas.

O Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur) foi originalmente criado em 1950 como agência de trabalho temporário com a missão de proteger os refugiados na Europa, no rescaldo da Segunda Guerra Mundial. O fluxo de expatriados pela revolta húngara, as crises de refugiados na Ásia, na África e em outras partes, exigiram a prorrogação do mandato do Acnur. Em 2003, a Assembleia Geral removeu “a limitação temporária da continuidade do Escritório (...) até que o problema dos refugiados esteja solucionado”.²⁹

É relevante até hoje o papel do Acnur em auxílio aos refugiados, e a SGI se esforça para apoiar estas atividades de várias maneiras. Mas a questão dos refugiados desafia obstinadamente uma solução, neste mundo cada

A elaboração da Declaração Universal dos Direitos Humanos

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a comunidade internacional, ainda atordoada pelas atrocidades, sentiu a necessidade de um documento que detalhasse e garantisse para sempre e em todos os lugares os direitos e a liberdade de cada indivíduo. Esta decisão foi assumida pela Assembleia Geral das Nações Unidas, na sua primeira sessão, em 1946, e a elaboração de uma Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) foi confiada a um comitê formal de redação presidido por Eleanor Roosevelt. O comitê foi composto por membros da Comissão de Direitos Humanos de oito nações, levando em consideração a sua distribuição geográfica. Durante os dois anos do processo de elaboração, foram incorporadas contribuições e sugestões de pensadores ilustres, representando valores, crenças e ideologias políticas de diferentes culturas e sociedades. A DUDH foi adotada pela Assembleia Geral em 10 de dezembro de 1948 e está hoje disponível em 440 idiomas.

vez mais caótico: 51,2 milhões de pessoas estão atualmente refugiadas, desalojadas, deslocadas internamente ou são requerentes de asilo, metade delas é menor de 18 anos.³⁰

A situação prolongada de refugiados é particularmente preocupante. As pessoas foram obrigadas a se deslocar de seu país de origem por cinco anos ou mais. São mais da metade dos refugiados amparados pelo Acnur, com

um período médio de deslocamento de cerca de vinte anos.³¹ Significa que não só estes indivíduos, mas também seus filhos e netos poderão ser forçados a viver em circunstâncias políticas, econômicas e sociais extremamente instáveis.

Igualmente alarmante é a situação do apátrida, que se estima afetar mais de 10 milhões de pessoas em todo o mundo.³² Significa não ter direito a serviços como saúde e educação, ou, em alguns casos, ser forçado a esconder a sua condição e viver nas sombras, para proteger sua família. Mais e mais crianças cujos pais fugiram da violência e da opressão dos direitos humanos nascem sem pátria, sem acesso à documentação legal. Em novembro de 2014, o Acnur lançou uma campanha global para erradicar essa condição dentro dos próximos dez anos.

Em seu trabalho de 1903, *Geografia da Vida Humana* [Jinsei Chirigaku], Tsunesaburo Makiguchi argumentou que a identidade das pessoas pode ser desenvolvida em três níveis: como cidadão de uma comunidade local na qual sua vida fincou raízes; cidadão de uma comunidade nacional onde só pode viver dentro de suas fronteiras; e cidadão de uma comunidade global com a consciência de suas conexões com o mundo. Ele ressaltou que o potencial singular de um indivíduo só pode ser plenamente manifestado quando ele é capaz de desenvolver essa cidadania total.

Neste sentido, situações prolongadas de refugiados e apátridas não só negam aos indivíduos a oportunidade de participar na vida social da nação: são impedidos de construir vínculos com os vizinhos na sua comunidade local e de aderir a ações com pessoas de outros países para a criação de um mundo em que querem viver. Em outras palavras, é negada a chance de serem eles mesmos.



UN PHOTO/MARTINE PERRET

AJUDA Agência da ONU emite cartões de identificação para os refugiados em Nyeel, Sudão do Sul (13 mar. 2013)

É necessário considerar o alívio do sofrimento das pessoas como objetivo fundamental da evolução criadora das Nações Unidas, se a inclusão de “todas as pessoas em todos os lugares” – busca dos novos ODS – for conquistada. Isto está totalmente de acordo com o ideal dos direitos humanos universais que a DUDH aspira tão fortemente.

Por isso mesmo, a situação dos direitos humanos de 232 milhões de migrantes internacionais do mundo exige atenção urgente.

Em países de prolongada recessão econômica e crescida agitação social, há uma forte tendência em enxergar os trabalhadores migrantes de um ponto de vista negativo e submetê-los, e a suas famílias, à discriminação e hostilidade. Em consequência, oportunidades de emprego regular e direitos à educação e ao tratamento médico podem ser severamente limitados, e muitas vezes a sociedade fecha os olhos para as injustiças que enfrentam no dia a dia.

Como os trabalhadores migrantes e suas famílias estão cada vez mais marginalizados e

isolados, a ONU iniciou esforços para conter a incompreensão e o preconceito. No Diálogo de Alto Nível sobre Migração Internacional e Desenvolvimento, realizado em outubro de 2013, os governos concordaram que a importante relação entre a migração e o desenvolvimento deve ser incluída nos novos ODS.

Gostaria de sugerir que esta questão não se limite ao contexto de desenvolvimento. Os objetivos de proteger a dignidade e os direitos humanos fundamentais dos trabalhadores migrantes e suas famílias devem ser explicitamente incluídos nos ODS, com ênfase em aliviar o sofrimento que enfrentam.

Políticas destinadas a proteger os migrantes internacionais precisam ser fortalecidas. Incluir, mas não limitar, as estruturas existentes: a Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias (adotada em dezembro de 1990, mas apenas ratificada por número limitado de países) e a Agenda Nacional de Trabalho Decente desenvolvida pela Organização Internacional do Trabalho.

Proponho ainda o desenvolvimento de mecanismos pelos quais os países vizinhos possam trabalhar em conjunto para o empoderamento dos deslocados, particularmente nas regiões que aceitaram grande número de refugiados.

Além dos conflitos armados, nos últimos anos desastres naturais e mudanças climáticas extremas têm forçado muitas pessoas a fugir de suas casas e buscar refúgio. Neste contexto, quero chamar a atenção para as reuniões regionais que antecedem a Conferência Mundial de Ajuda Humanitária, a ser realizada em Istambul, Turquia, em 2016. O seu objetivo é a melhor união da comunidade global para o tratamento das crises humanitárias.

NAÇÕES UNIDAS Diálogo de Alto Nível sobre Migração Internacional e Desenvolvimento (Nova York, 4 out. 2013)



rias causadas por conflitos, pobreza e problemas climáticos.

A reunião regional realizada em julho de 2014, em Tóquio, enfatizou a necessária resposta às catástrofes. A importância de assegurar que as vítimas de desastres tenham papel central no processo humanitário foi consistentemente salientada.

Esta também é a visão da SGI no curso de auxílio à recuperação das comunidades afetadas por desastres naturais. As pessoas que passaram por profundo sofrimento sentem melhor as dores dos aflitos. As redes solidárias podem oferecer apoio inestimável às pessoas necessitadas e criar nelas o desejo de avançar.

A Terceira Conferência Mundial das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastres está programada para Sendai, nordeste do Japão, março de 2015, o quarto aniversário do terremoto e do tsunami (11 de março de 2011). Entre os eventos paralelos, a SGI vai copatrocinar um simpósio sobre “Aumentar a Resiliência no Nordeste da Ásia com a Cooperação na Redução do Risco de Desastres”, onde representantes da sociedade civil da China, Coreia do Sul e Japão vão explorar as possibilidades de colaboração mais aprofundada na área de prevenção de desastres e recuperação. Jovens associados da Soka Gakkai local organizarão simpósios sobre a redução de risco de desastres, o papel dos jovens e a participação das organizações religiosas na redução do risco de desastres.

A esperança destas iniciativas é levantar o ânimo das pessoas afetadas pelos desastres, para a indispensável ajuda ao aumento da capacidade de resistência da sociedade. Tão importante quanto esforços para garantir a dignidade dos refugiados cujo deslocamento cada vez mais se prolonga. A natureza fundamental do sofrimento de pessoas em crises humanitárias é a mesma, seja qual for a causa: elas são expulsas de suas casas, sua vida destruída. O que importa é a forma como estas pessoas podem encontrar fontes renováveis de esperança.

O fato de que mais de 80% dos refugiados do mundo estão sendo acolhidos por países em desenvolvimento aumenta a relevância das medidas tomadas na África para resolver a questão do deslocamento. A União Africana (UA) e a Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (Cedeao) já trabalham na construção de uma estrutura para a cooperação regional.

Uma interessante pesquisa sugere que nessas situações, o progresso na África se faz pela “integração efetiva”, efetuada quando as pessoas (1) não estão em perigo de deportação; (2) não são confinadas em campos; (3)

PACIFISTA Primeira visita do Dr. Daisaku Ikeda à sede das Nações Unidas (Nova York, out. 1960)



“Desejo que países vizinhos anfitriões colaborem para promover o empoderamento dos refugiados”

são capazes de manter a subsistência e sustentar a si e a suas famílias; (4) têm acesso à educação, formação profissional e cuidados de saúde; e (5) estão socialmente integradas na comunidade anfitriã em cerimônias como casamentos e funerais. A pesquisa indica que este tipo de “integração efetiva” já se observa em várias regiões agrícolas.³³

Após o apelo feito pelo Conselho de Ministros da Cedeao, em maio de 2008, pela igualdade de tratamento entre os refugiados e outros cidadãos da Cedeao, foram emitidos passaportes para pessoas deslocadas que vivem na Nigéria, e em outros lugares, para seus países de origem. Muitos deles criaram

um novo estatuto de trabalhadores migrantes, abrindo caminho para sua permanência formal no país de acolhimento.

O autor nigeriano Wole Soyinka, a quem tenho a honra de considerar amigo, afirma que imaginar-se no lugar do outro é o fundamento da justiça.³⁴ Uma chave para a solução da questão dos refugiados está no espírito da África, um continente com longa história de movimentos entre pessoas e uma tradição de tolerância com os povos de diferentes culturas.

Recordo a minha primeira visita à sede das Nações Unidas em Nova York, em outubro de 1960. Impressionado com a energia renovada dos representantes dos países africanos recém-independentes, tive a convicção de que o século 21 seria o século da África.

A luta pelos direitos humanos do ex-presidente sul-africano Nelson Mandela e o movimento de plantação de árvores liderado pela ativista ambiental queniana Wangari Maathai (1940-2011) são exemplos de iniciativas inovadoras que anunciaram a chegada à África do tão aguardado século 21 de paz e humanismo.

Apesar dos inúmeros desafios, as nações africanas encontram na cooperação regional novas formas de lidar com o problema do deslocamento forçado. Enquanto a ONU se prepara para adotar novo conjunto de metas de desenvolvimento, a sabedoria e a experiência da África podem, nas palavras do ativista antiapartheid sul-africano Steve Biko (1946-1977), contribuir para “dar ao mundo uma face mais humana”.³⁵

É necessária uma maior cooperação regional – de acordo com o exemplo africano – na região da Ásia-Pacífico, que recebe um grande número de pessoas deslocadas, e no Oriente Médio, onde aumentou muito o número de refugiados da guerra civil síria.

Desejo que países vizinhos anfitriões colaborem para promover o empoderamento dos refugiados. Especificamente, com programas regionais conjuntos, cujos projetos de assistência educacional e de emprego incluam tanto a população de refugiados quanto jovens e mulheres do país anfitrião. As populações de refugiados e dos países acolhedores desenvolveriam vínculos mais profundos, criando uma estrutura sustentável de apoio aos refugiados e de reforço à capacidade de resistência da região como um todo.

Abolição das armas nucleares

O segundo campo de ação conjunta a ser considerado é a conquista de um mundo livre de armas nucleares.

A resolução inicial da primeira sessão da recém-criada Assembleia Geral da ONU, em janeiro de 1946, abordou o problema das armas nucleares. Durante o processo de elaboração da Carta das Nações Unidas, a existência de armas de destruição em massa ainda estava para ser de conhecimento público e as

discussões deram mais importância à segurança do que ao desarmamento. Pouco mais de um mês depois da adoção da Carta, no final de junho de 1945, foram lançadas bombas atômicas sobre as cidades de Hiroshima e Nagasaki. Como a notícia deste chocante acontecimento espalhou-se pelo mundo, houve apelos cada vez mais urgentes para a ONU responder prontamente ao seu primeiro grande desafio.

A resolução da Assembleia Geral chamada “a eliminação do armamento nacional de armas atômicas e de todas as outras armas adaptáveis à destruição em massa”,³⁶ aprovou por unanimidade a completa eliminação de tais armas. Sem exceção.

Este apelo foi quase esquecido pelas constantes tensões da Guerra Fria. Mas, o Apelo de Estocolmo de 1950 reuniu milhões de assinaturas de todo o mundo e, diz-se, teve impacto sobre a decisão de não usar armas nucleares na Guerra da Coreia. Pouco depois, foram realizadas as Conferências Pugwash sobre Ciência e Negócios Mundiais em 1957 por cientistas de Leste a Oeste para enfrentar a ameaça atômica. Estes e outros esforços da sociedade civil foram o ímpeto para um quadro jurídico internacional sobre armas nucleares.

A crise dos mísseis cubanos de 1962, que levou o mundo à beira de uma guerra nuclear, contribuiu para o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP), 1970. Os signatários do TNP se comprometeram com a busca de boa-fé pelo desarmamento, o primeiro projeto incompleto mencionado pela ONU no início do seu caminho. Hoje, 45 anos após o tratado entrar em vigor, a abolição destas armas destruidoras ainda não se concretiza e estagnou-se o progresso do desarmamento.

Recentemente, o movimento por um mundo sem armas nucleares ganhou nova forma.



PELA ABOLIÇÃO Kiyotaka Akasaka, Subsecretário-Geral para as Comunicações e Informação Pública, faz discurso na abertura da exposição "Contra as Armas Nucleares" (Nova York, 10 ago. 2009)

Em outubro passado, quando 155 países e territórios assinaram uma Declaração Conjunta sobre as Consequências Humanas das Armas Nucleares, mais de 80% dos Estados-membros da Organização das Nações Unidas mantiveram o seu apoio para que estas armas malignas nunca sejam usadas em circunstância alguma.

As consequências humanas do uso de armas nucleares já foram tema de três grandes conferências internacionais: a Conferência sobre o Impacto Humano das Armas Nucleares, março de 2013, Oslo, Noruega, e as conferências internacionais em Nayarit, México, e, no mês passado, em Viena, Áustria.

Entre as conclusões a que chegaram essas conferências, creio que três são de maior importância:

1. É improvável que qualquer órgão estatal ou internacional resolva de forma adequada a situação de emergência humanitária imediata causada por uma de-

tonação de armas nucleares e dê a assistência necessária às pessoas afetadas.

2. As fronteiras nacionais não limitam o impacto da explosão de armas nucleares. Os efeitos devastadores ameaçam a própria sobrevivência da humanidade.
3. Entre os efeitos indiretos da explosão estão o bloqueio do desenvolvimento socioeconômico, a destruição ecológica, e as pessoas pobres e vulneráveis serão as maiores vítimas.

Na Conferência de Viena, Estados Unidos e Reino Unido, ambos participando pela primeira vez, reconheceram publicamente a importância do profundo debate sobre as consequências das explosões atômicas. As consequências do uso destas armas aniquiladoras são de tal forma terríveis, que devem ser enfrentadas por todos, sobretudo pelos Estados detentores dessas armas.

Entretanto, quando se trata de como proceder a partir da conferência, as opiniões se

dividem. A maioria dos participantes é partidária de que o único caminho seguro para evitar as consequências devastadoras do uso de armas nucleares é a sua abolição. Por outro lado, entre os países que possuem as armas e seus aliados está profundamente arraigada a ideia de que a dissuasão deve ser mantida e a melhor maneira de conquistar um mundo sem armas nucleares é por meio de um processo gradual.

Por maior que seja o abismo entre estas duas posições, atualmente elas se interligam pela preocupação comum sobre o impacto devastador dessas armas malvadas. É uma preocupação tanto daqueles que assinaram a Declaração Conjunta como dos que não a assinaram. Creio que esta preocupação deve ser o nosso ponto de partida na busca do que todos devemos fazer por um mundo livre de armas atômicas.

Este entendimento é indispensável para que os Estados com armas destruidoras encontrem o caminho necessário para evitar um dano irreparável, não só para si e seus aliados, mas para todos os povos. Gostaria de examinar, a partir de uma variedade de perspectivas, a natureza desumana das armas nucleares, além de sua incalculável capacidade destruidora. São estes aspectos que as distinguem e as tornam fundamentalmente desiguais de outros armamentos.

Em primeiro lugar, as preocupações da gravidade do seu impacto – exatamente o que são capazes de ocultar imediatamente.

Fiquei impressionado com as seguintes palavras contidas no relatório e resumo das conclusões da Conferência de Viena:

Como no caso da tortura, que degrada a humanidade e é inaceitável por todos, o sofrimento causado pelo uso de armas nu-



ENCONTRO Representantes da SGI participam da Segunda Conferência Internacional sobre o Impacto Humano das Armas Nucleares (México, fev. 2014)

cleares não é apenas uma questão legal: necessita de avaliação ética.³⁷

Este apelo repercute na declaração de meu mestre, Josei Toda, pedindo a abolição das armas nucleares, proferida em setembro de 1957, num período em que cresciam as tensões da Guerra Fria e acelerava-se a corrida armamentista nuclear:

Mesmo que neste momento cresça no mundo inteiro o movimento para abolir os testes nucleares, o meu desejo é atacar o problema pela raiz: cortar as garras ocultas na sua origem.³⁸

O budismo ensina que a mais grave ameaça à dignidade humana é o mal decorrente da ilusão fundamental inerente à vida conhecida como *paranirmitavasavarti-deva* ou rei demônio do sexto céu. Trata-se de uma vontade de reduzir a existência de cada indivíduo à insignificância e roubar da vida o seu significado mais essencial. O Sr. Toda considera que o que se esconde nas profundezas das armas nucleares é esta forma mais extrema do mal.



NOBEL DA PAZ Líder da SGI encontra o Dr. Joseph Rotblat, físico britânico contemplado com o Nobel da Paz em 1995 (fev. 2000)

Por isto mesmo, ele insistiu que devemos ir além da proibição dessas armas e rejeitar a lógica do temor à retaliação nuclear, que se baseia na disposição de sacrificar a vida de um grande número de pessoas. Esta é a solução fundamental para a ameaça das armas de destruição em massa e deve ser buscada em nome do direito de viver de todos os povos do mundo.

O Dr. Joseph Rotblat (1908–2005), de notável desempenho nas Conferências Pugwash – estabelecidas em 1957, ano em que o presidente Toda fez a sua declaração –, certa vez me fez esta confidência:

— *Há duas maneiras de abordar as armas nucleares. Uma delas é a legal e a outra, a abordagem ética. O Sr. Toda, como pessoa religiosa, adotou a última.*³⁹

Há uma proibição absoluta contra a tortura, considerada injustificável em quaisquer circunstâncias. Da mesma forma, é chegado

o momento de desafiar as armas nucleares do ponto de vista ético.

Após a Segunda Guerra Mundial, seguindo os passos dos Estados Unidos, a União Soviética desenvolveu armas atômicas com sucesso; o Reino Unido, a França e a China foram pelo mesmo caminho. A proliferação dessas armas continuou mesmo depois de entrar em vigor o TNP. O impasse atômico mundial começou a ser considerado como realidade inabalável no seio da comunidade internacional. Por trás disso, a política de dissuasão nuclear, que, reduzida a seus termos mais simples, aceita a possibilidade de aniquilar uma população inimiga, mesmo tendo de suportar grandes danos em troca.

Como o Sr. Toda expôs, a questão vai além de qualquer distinção entre amigo e inimigo, ao negar instantaneamente todas as conquistas da sociedade e da civilização, destruindo as evidências de nossa vida, e o seu significado.

Masaaki Tanabe, líder de um projeto que recria imagens de Hiroshima antes do bombardeio atômico, afirma: “Há coisas que simplesmente não podem ser recriadas, mesmo com a mais avançada tecnologia de computação gráfica”.⁴⁰ Suas palavras ilustram vividamente a natureza insubstituível do que foi perdido.

Um mundo que teme a retaliação nuclear – protegido pela perspectiva de iminente destruição – torna tudo frágil e contingente. O absurdo desta situação gera um niilismo de efeito profundamente corrosivo na civilização humana. Não pode ser tolerado.

Como se discutiu na Conferência de Viena, em dezembro de 2014, sempre há o perigo de uma detonação nuclear acidental por erro humano ou falha técnica. Ou de um ataque cibernético. Além de ser um problema não previsto pela prática de dissuadir, é um perigo que aumenta em proporção direta ao número

O Rei Demônio do Sexto Céu

(sânsr. *paranirmitavasavarti-deva*;
jap. *dairokuten-no-maō*)

Rei dos demônios, também conhecido como “Demônio que se Regozija em Manipular Livrementemente as Pessoas e em Usurpar o Fruto dos Esforços Delas”. Habita o mais elevado dos seis céus do mundo do desejo na cosmologia budista e se deleita ao minar a energia vital dos seres e se aproveitar de seus esforços. É considerado a manifestação da escuridão fundamental, inerente à própria vida. Também é conhecido como “demônio celestial”. Diz-se que manipula os praticantes do budismo para dissuadi-los de sua prática e impedi-los de alcançar a iluminação.

de países que adotam ou mantêm essa política do temor.

Durante a Crise dos Mísseis de Cuba, líderes dos Estados Unidos e da União Soviética tinham treze dias para uma solução pacífica. Hoje, se um míssil com ogiva nuclear é acidentalmente lançado, levaria menos de treze minutos para atingir o alvo. Uma evacuação seria impossível, e o país e seus habitantes seriam dizimados.

Não importam os esforços das pessoas para viver felizes, nem importa o tempo que leve o desenvolvimento de sua cultura e sua história. Tudo perderia sentido. É neste absurdo inexprimível que a natureza desumana das armas atômicas se sustenta para abusar do seu enorme poder destruidor.

O segundo aspecto da desumanidade dessas armas malignas é a distorção estrutural

gerada pelo seu contínuo desenvolvimento e modernização técnica.

Na Conferência de Viena, o impacto dos testes nucleares foi incluído no programa pela primeira vez. O termo *hibakusha* hoje é aplicado para todas as vítimas de envenenamento por radiação causada por armas nucleares e, naturalmente, inclui os afetados pelos mais de 2 mil testes nucleares já realizados em todo o mundo.

Estima-se que a República das Ilhas Marshall sentiu o efeito equivalente a 1,6 bomba do porte da que foi lançada sobre Hiroshima, todos os dias, durante os doze anos em que os testes nucleares eram realizados.⁴¹ Este fato comprova as consequências reais provocadas pela política de temor à retaliação, apesar de sua pretensão de impedir o uso de armas nucleares. Ou seja, a política de ameaçar para evitar uma ameaça, na verdade estimula as armas atômicas, e o resultado, que nenhuma nação ou povo deveriam jamais suportar – conforme Tony deBrum, Chanceler das Ilhas Marshall –, é o número enorme de experiências com essas armas.⁴²

Desde a adoção do Tratado de Proibição Completa dos Testes Nucleares (CTBT), em 1996, o número de testes que envolviam explosões nucleares caiu quase a nenhum. Mas o fato de que o CTBT não está em vigor, apesar de 183 signatários, fragiliza esta moratória.

Além disto, o CTBT não proíbe a modernização das armas nucleares e, enquanto a política de dissuasão persistir, há um incentivo estrutural para que um país siga a modernização do outro com seus próprios esforços. Espera-se que os gastos anuais relacionados a estas armas, que já chegaram a US\$ 105 bilhões no mundo, aumentem ainda mais.⁴³ Se esta enorme soma fosse aplicada na melhor qualidade da saúde e do bem-estar nos Esta-



CONTRIBUIÇÃO Exposição promovida pelos jovens da Soka Gakkai em Campanha pela Paz — *Soka Global Action* [Ação Global Soka]

dos e apoiasse os países em desenvolvimento, onde continua a luta contra a pobreza e a privação, a vida e a dignidade de um grande número de pessoas seriam bem melhores.

A continuidade do desenvolvimento de armas atômicas vai contra o espírito do artigo 26 da Carta da ONU, que apela desviar para “armamentos o menos possível de recursos humanos e econômicos do mundo”. Mas também resulta na desumanidade de perpetuação de uma ordem mundial distorcida em que pessoas, cuja qualidade de vida poderia ser facilmente melhorada, são forçadas a continuar a viver em condições perigosas e degradantes.

O terceiro aspecto da desumanidade das armas nucleares é a contínua tensão militar dos países que mantêm uma postura nuclear.

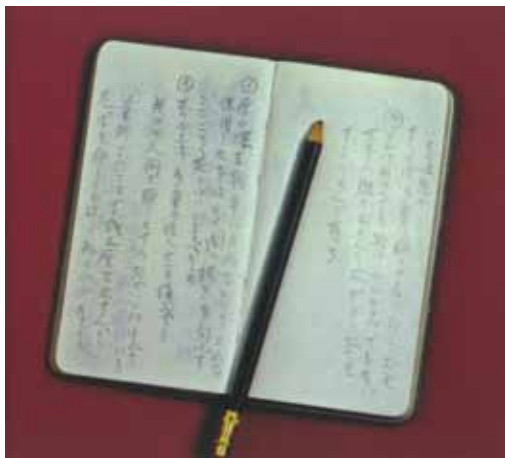
Na Conferência de Revisão do TNP em 2010, por um item da ação imediata, os Estados com armas nucleares comprometeram-se com a “redução do papel das armas nucleares em doutrinas de segurança e do

número de arsenais existentes”.⁴⁴ Eles informaram sobre o progresso no ano passado, mas na verdade a mudança foi inexpressiva. Muitos líderes dos Estados com armas nucleares reconhecem que é extremamente difícil prever situações em que estes armamentos seriam usados e é da natureza da maioria das ameaças contemporâneas não poder ser combatidas com armas iguais. No entanto, a adesão às políticas de temor à retaliação dificulta o cumprimento deste compromisso com o desarmamento.

Talvez seja difícil para os Estados com armas nucleares libertarem-se da preocupação de que eles ou seus aliados podem ser ameaçados por um ataque nuclear. Apesar destas preocupações, a prioridade deve ser a de remover gradualmente as causas inerentes de tensões e trabalhar para criar condições em que a resposta com a ameaça de armas atômicas não seja mais vista como única opção.

Conforme estabelece o Parecer Consultivo do Tribunal Internacional de Justiça de 1996, não apenas a utilização de armas nucleares, mas também a ameaça de uso seria considerada ilegal.

O juiz Ferrari Bravo, em Declaração anexa ao Parecer Consultivo, comentou que “o abismo que separa o artigo 2, parágrafo 4, do artigo 51 [da Carta das Nações Unidas] alargou-se, como resultado do grande obstáculo da dissuasão lançado nele”.⁴⁵ De tal sorte, a continuidade da política de temor à retaliação transformou a compreensão e a prática do direito à autodefesa, da maneira como foi originalmente concebido pelos autores da Carta. Embora o artigo 2, parágrafo 4, estabeleça que a ameaça ou o uso da força são, a princípio, ilegais, a existência de armas nucleares fez necessária a criação de planos contínuos para a legítima defesa individual ou coletiva,



CLAMOR Josei Toda profere a Declaração pela Abolição das Armas Nucleares, no estádio de Mitsuzawa, em Yokohama (Japão, 8 set. 1957). Ao lado, caderneta de Josei Toda com rascunho do texto da Declaração.

que estão definidos nos termos do artigo 51 como medida temporária a ser tomada até que o Conselho de Segurança esteja pronto para agir. Assim, o que era para ser uma medida excepcional, tornou-se prática regular, subvertendo a intenção da Carta.

Mesmo após o fim da Guerra Fria, esta irregularidade permanece. Sem qualquer confronto armado ou mesmo hostilidade entre países, a ameaça de uso como premissa da dissuasão nuclear continua a gerar tensões militares que envolvem grande número de países.

Os Estados com armas nucleares e seus aliados são obcecados pelo sigilo e a segurança para proteger informações confidenciais sobre os seus arsenais. Ao mesmo tempo, as nações ameaçadas pelas que possuem as armas cruéis tratam de fabricar as suas próprias bombas atômicas e ganhar a expansão militar. O mínimo que esta espiral exige é uma séria reflexão sobre a ação militar preventiva.

Os partidários do temor à retaliação o defendem como a chave para a prevenção do uso dessas armas. Mas quando se faz a avaliação da natureza cruel das armas atômicas e se expandem as suas implicações da vida na era nuclear e a enormidade da carga imposta

ao mundo, o resultado destas políticas torna-se dolorosamente claro.

O fato de que as armas nucleares não tenham sido usadas em tempo de guerra desde os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki deve ser atribuído mais ao peso da responsabilidade no devastador impacto humano de seu uso do que a qualquer efeito de dissuadi-lo. Os países que não estão sob a proteção de um guarda-chuva nuclear nunca foram submetidos à ameaça de um ataque atômico. É o peso moral da promessa de renunciar à opção nuclear – por exemplo, o estabelecimento de Zonas Livres de Armas Nucleares (NWFZ), a recusa dos países a coletivamente buscar o armamento atômico – que tem uma clara linha definida que outros Estados sentem não poder atravessar.

HISTÓRIA Parque Memorial da Paz de Hiroshima, Japão

Na Conferência de Viena no mês passado, diante das consequências desumanas, os riscos das armas nucleares, a Áustria se comprometeu – na qualidade de país participante, e não como anfitriã e presidente da Conferência – a cooperar com todas as partes interessadas relevantes, Estados, organizações internacionais e sociedade civil, para que tenhamos um mundo livre de armas de destruição em massa.

Antes da conferência, a Campanha Internacional para Abolir as Armas Nucleares (Ican), o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e a SGI organizaram um painel inter-religioso, um Fórum da Sociedade Civil, com os praticantes das religiões cristãs, muçulmanas, hindus e budistas a fim de discutir um caminho para a abolição das armas desumanas. O resultado da discussão foi resumido em uma Declaração Conjunta, que afirma o compromisso dos participantes por um mundo livre de armas nucleares. A Declaração Conjunta foi lida durante o debate geral na Conferência de Viena, uma voz da sociedade civil.

A chave para criar uma ação mundial por um planeta sem armas nucleares está no sucesso em concentrar a nossa energia de compromisso neste ano do 70º aniversário dos terríveis bombardeios atômicos de Hiroshima e Nagasaki.

Proponho duas iniciativas específicas.

A primeira é o desenvolvimento de uma nova estrutura institucional para o desarmamento nuclear, com base no TNP. Em dezembro de 2014, a Assembleia Geral da



ONU aprovou importante resolução pedindo aos Estados, durante a Conferência de Revisão do TNP 2015, “opções para a elaboração de medidas eficazes [para o desarmamento nuclear] previstas e exigidas pelo artigo VI do Tratado”.⁴⁶

Desde a decisão de 1995 para estender indefinidamente o TNP, houve pouco progresso no cumprimento de vários acordos enquanto os desafios se acumulam. Esta resolução manifesta o profundo senso de urgência dos 169 países que a defenderam diante do contínuo impasse em torno da questão nuclear.

Por todas estas esperanças, solicito que os chefes de governo dos quantos Estados participem este ano da Conferência de Revisão do TNP. E sugiro a realização de um fórum, onde os resultados das conferências internacionais sobre o impacto cruel das armas nucleares tenham o mesmo sentido solidário.

Já que todas as partes envolvidas no TNP foram unânimes em lamentar, na Conferência de Revisão de 2010, os efeitos catastróficos do uso de armas atômicas, espero que cada delegação apresente o plano de sua nação para evitar tais consequências na Conferên-

Declaração conjunta das comunidades religiosas

O painel inter-religioso “União das Religiões Contra as Armas Nucleares: Acender a Esperança, Reunir a Coragem” divulgou uma declaração conjunta do compromisso a perseverar na conscientização dos inaceitáveis riscos das armas nucleares, a empoderar os jovens e a dialogar internamente e entre as religiões para criar um mundo livre das armas atômicas. Pode-se ler no trecho:

“As armas nucleares são instrumentos do terror concebidos para matar populações inteiras, destruir nações e o próprio planeta (...). São armas completamente incompatíveis com os valores defendidos pelos tradicionais valores de nossas religiões — o direito das pessoas a viver em segurança e com dignidade; a força da consciência e da justiça; o dever de proteger os mais fracos e exercer um predomínio que salvaguarde o planeta para as gerações futuras”.

<<http://www.sgi.org/assets/pdf/HINW14-Statement-Faith-Communities.pdf>>

cia de Revisão deste ano. Insisto que a Conferência promova um debate sobre medidas eficazes para o desarmamento nuclear que o artigo VI do TNP exige e estabeleça regras institucionais.

O TNP está construído em torno de três pilares: a não proliferação, o uso pacífico da energia e o desarmamento nuclear. Os dois primeiros objetivos são apoiados pela Organização do Tratado de Proibição Completa dos Testes Nucleares (CTBTO), pela convocação

da cúpula de Segurança Nuclear e pela Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA). Em contraste, não há instituição alguma dedicada a um debate contínuo e que assegure o cumprimento das obrigações de desarmamento do TNP.

Desenvolvendo o “compromisso inequívoco dos Estados possuidores de armas atômicas da eliminação total de seus arsenais para alcançar o desarmamento nuclear”, reafirmado na Conferência de Revisão de 2000, proponho a criação de uma comissão de desarmamento do TNP como órgão subsidiário ao TNP para assegurar o cumprimento imediato e concreto deste compromisso.

O TNP estabelece a convocação de uma conferência especial para analisar a proposta de alteração do tratado, se solicitada por um terço ou mais dos Estados. Uma comissão de desarmamento do TNP pode ser criada por meio desse processo. Ela iria reunir todos os planos de desarmamento e regimes de fiscalização, a fim de atingir o ponto chave definitivo para um mundo livre de armas nucleares.

A segunda iniciativa que sugiro é a adoção de uma convenção sobre armas nucleares. Embora ainda haja vários desafios e tarefas, creio firmemente que o 70º aniversário do bombardeio nuclear de Hiroshima e Nagasaki gera uma energia capaz da criação dessa convenção. Confio que uma plataforma para essas negociações realize uma avaliação cuidadosa dos resultados da Conferência de Revisão do TNP deste ano.

Há dois anos, a ONU convocou um “Grupo de Trabalho Aberto com a missão de propor negociações multilaterais para a construção segura de um mundo sem armas nucleares”. Poderíamos trabalhar para que o grupo se transformasse num fórum com a participação regularizada da sociedade civil.

Além disto, uma resolução da Assembleia Geral de 2013 motivou a conferência internacional de alto nível das Nações Unidas sobre o desarmamento nuclear, a ser convocada, no mais tardar, em 2018. Sugiro que esta conferência aconteça, em 2016, com o início da elaboração de uma convenção de armas nucleares. Desejo sinceramente que o Japão, país que sofreu com o uso de armas nucleares na guerra, se esforce com outras nações e com a sociedade a fortalecer o movimento por um mundo sem armas nucleares.

Em agosto se realiza em Hiroshima a Conferência das Nações Unidas sobre desarmamento e o Fórum Mundial das Vítimas Nucleares em outubro e novembro, também em Hiroshima. A Conferência Pugwash anual será realizada em Nagasaki, em novembro.

Está em curso o planejamento da realização em Hiroshima, em setembro, da Cúpula Mundial da Juventude para a Abolição das Armas Nucleares, iniciativa conjunta da SGI e outras ONGs. No ano passado, os associados jovens da Soka Gakkai no Japão coletaram 5,12 milhões de assinaturas em petições exigindo a abolição das armas nucleares. Espero que a cúpula adote uma declaração dos jovens comprometendo-se com o fim da era nuclear e que ajude a promover maior solidariedade entre os jovens do mundo em apoio ao tratado de proibição das armas químicas.

Em nosso diálogo, o Dr. Toynbee enfatizou que a chave para resolver a questão das armas atômicas está na adoção global de um “veto autoimposto”⁴⁷ da posse de tais armas. Em 21 de janeiro deste ano, Estados Unidos e Cuba iniciaram negociações para o restabelecimento das relações diplomáticas interrompidas no ano anterior à crise dos mísseis cubanos. Olhando para a história, pode-se dizer que a crise foi resolvida com a utilização de um veto

autoimposto – a decisão de se abster de utilizar armas nucleares – por parte dos Estados Unidos e da União Soviética.

O processo que prevejo para o estabelecimento de um tratado que proíba as armas nucleares é que cada país se comprometa ao veto autoimposto e que estes atos de autorrestrição formarão uma sobreposição de tecido que traz uma nova era – aquela em que as pessoas de todos os países podem desfrutar da certeza de que nunca sofrerão os horrores causados pelo uso de armas nucleares.

Criar uma sociedade global sustentável

O último campo de ação mundial que gostaria de abordar é a construção de uma sociedade global sustentável.

Para reagir aos desafios ambientais, resultantes de alterações climáticas, temos de compartilhar experiências e lições aprendidas para evitar o agravamento das condições e efetuar a transição para uma sociedade com desperdício zero. Tais esforços serão essenciais para a conquista dos ODS e quero ressaltar, para o seu êxito, o papel indispensável da cooperação entre os países vizinhos.

Concretamente, apelo para a união da China, Coreia do Sul e Japão na criação de um modelo regional que promova práticas tão positivas que possam ser aplicadas no mundo inteiro, sobretudo as relacionadas com o desenvolvimento do talento humano. Em novembro do ano passado, realizou-se a primeira reunião de cúpula China-Japão em dois anos e meio. Como alguém que faz muito tempo procura e trabalha pela amizade entre os dois países, fiquei profundamente grato ao ver este primeiro passo para o avanço das relações bilaterais depois de prolongada indiferença.



SOCIEDADE GLOBAL Exposição *Sementes da Esperança*.
À esquerda, na Argentina; e, à direita, no Chile

“Para reagir aos desafios ambientais, resultantes de alterações climáticas, temos de partilhar experiências e lições aprendidas para evitar o agravamento das condições e efetuar a transição para uma sociedade com desperdício zero”

Na esteira da cúpula, em dezembro, reiniciou-se o Fórum para Conservação de Energia Japão-China, e em 12 de janeiro deste ano, realizaram-se consultas sobre o Mecanismo de Comunicação Marítima Japão-China. Estes fatos podem desempenhar papel fundamental para impedir qualquer incidente. Espero que os trabalhos para que o projeto entre em operação dentro de um ano, conforme decidido pelos dois líderes, prossigam harmoniosamente.

Este é o 50º aniversário da normalização das relações entre Coreia do Sul e Japão. Enquanto ainda existir necessidade de aliviar tensões políticas entre os dois países, não devemos perder de vista o fato de que as interações pessoais continuam a se expandir. Cinco milhões de pessoas viajam entre Coreia e Japão anualmente, número maior do que entre China e Japão. Quando as relações bilaterais foram normalizadas em 1965, a média anual era de apenas 10 mil pessoas. Ainda que pesquisas de opinião pública revelem que grande porcentagem de pessoas, tanto na Coreia quanto no Japão, não tem um parecer favorável do outro país, mais de 60% reconhece a importância do relacionamento.

Além de tais interações, tenho muitas expectativas pelas formas de cooperação trilateral que tais países têm desenvolvido nos últimos dez anos ou mais. Desde o início, em 1999, da cooperação trilateral no campo ambiental, existem hoje mais de cinquenta mecanismos de consulta, inclusive dezoito reuniões



AMIZADE À esquerda, diálogo entre o presidente Ikeda e o primeiro-ministro chinês Zhou Enlai (1898-1976). Acima, jovens da Soka Gakkai e da Federação Nacional de Jovens da China assinam acordo de intercâmbio para os próximos dez anos (China, 2014)

ministeriais e mais de uma centena de projetos de cooperação. Para incentivar o desenvolvimento deste tipo de cooperação, é importante que a cúpula trilateral China-Coreia-Japão esteja renovada, após o hiato de três anos provocado por fortes tensões políticas.

À medida que a adoção dos ODS se aproxima, estas cúpulas deveriam ser reiniciadas com a maior brevidade possível a fim de solidificar a tendência de melhores relações, enquanto caminham em direção a um acordo formal para tornar a região um modelo de sustentabilidade. Os líderes dos três países deveriam marcar o 70º aniversário do fim da Segunda Guerra Mundial com o compromisso de incorporar as lições de que o conflito nunca mais se torne guerra. E deveriam se empenhar na construção de sólida confiança mútua sustentada pela cooperação regional em apoio ao novo desafio dos ODS das Nações Unidas.

Em meus encontros com líderes políticos, intelectuais e culturais da China e da Coreia, incluindo o primeiro-ministro chinês Zhou Enlai (1898-1976) e o primeiro-ministro co-

reano Lee Soo-sung, discutimos a forma de aprofundar os laços de amizade entre China, Japão e Coreia e fazer contribuições duradouras para o mundo.

Jean Monnet (1888-1979), diplomata, economista e político francês, que desempenhou papel fundamental para ajudar a França e a Alemanha a superar a animosidade de séculos, afirmou durante as negociações de 1950 entre os países europeus: “Estamos aqui para assumir uma obra comum. Não para negociar nossa vantagem nacional. Para procurar nossa vantagem na vantagem de todos”.⁴⁸

Em setembro de 2011, a China, a Coreia e o Japão criaram a Secretaria de Cooperação Trilateral. Um papel para este secretariado é identificar potenciais projetos de cooperação. Espero que os três países trabalhem em conjunto pelo benefício de todos em cada um dos campos estabelecidos nos novos ODS.

Já mencionei, a SGI é copatrocinadora de um evento paralelo à Terceira Conferência Mundial da ONU sobre a Redução do Risco de Desastres. Representantes da sociedade civil daqueles três países discutirão a cooperação regional pela prevenção de desastres e recuperação pós-desastres. Realiza-se com o apoio da Secretaria de Cooperação Trilateral. E confio no trabalho desta conferência para o envolvimento positivo na cooperação regional intergovernamental para a realização dos ODS.

A este respeito, tenho duas propostas para expandir o intercâmbio das bases.

A primeira se dirige aos jovens. Um momento decisivo fundamental nas relações pós-guerra entre França e Alemanha foi o Tratado do Eliseu, de 1963. Deu início a uma era de expansão de grandes intercâmbios entre os jovens. “Uma inimizade secular pode abrir o caminho para uma profunda amizade”.⁴⁹ Esta frase vem de um artigo escrito em conjunto, em 2013, pelo ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Laurent Fabius, e o ministro das Relações Exteriores alemão, Guido Westerwelle, marcando o 50º aniversário do Tratado do Eliseu. De fato, os mais de 8 milhões de jovens que tiveram a oportunidade de morar ou estudar no país parceiro têm desempenhado importante papel na criação de fortes vínculos entre as duas sociedades.

Há oito anos, um programa de intercâmbio de jovens foi iniciado entre China, Coreia e Japão. Espero que este ano seja a ocasião para expansão deste programa. Além de aumentar os intercâmbios culturais ou educativos para os alunos do ensino médio ou universitários, gostaria de ver jovens da China, Coreia e Japão trabalhando juntos para realizar os ODS ou outras iniciativas trilaterais de cooperação.

Para cada participante, tem valor inestimável a experiência do trabalho solidário nos as-

“Para cada participante, tem valor inestimável a experiência do trabalho solidário nos assustadores desafios das questões ambientais e seus desastres. Imprime em sua jovem vida a confiança de que está criando o seu próprio futuro. Além disto, os tesouros dessa vida sem dúvida serão a base da amizade e confiança que se estenderá pelo futuro.”

sustadores desafios das questões ambientais e seus desastres. Imprime em sua jovem vida a confiança de que está criando o seu próprio futuro. Além disto, os tesouros dessa vida sem dúvida serão a base da amizade e confiança que se estenderá pelo futuro.

Nas três décadas seguintes desde a assinatura, em 1985, do acordo de intercâmbio entre a Divisão dos Jovens da Soka Gakkai e a Federação Nacional de Jovens da China (ACYF), sucederam-se intercâmbios regulares. Em maio de 2014, foi assinado um novo acordo de intercâmbio para os dez anos seguintes, com o compromisso de contínuo trabalho conjunto para estreitar a amizade entre os dois países. Por sua vez, os associados jovens da Soka Gakkai em Kyushu envolveram-se em ampla gama de atividades de inter-



JOVENS DISCÍPULOS Divisão dos Estudantes na 5ª Academia dos Sucessores Ikeda, no CCCamp (5 abr. 2015)

câmbio com a Coreia. Todas estas atividades são o resultado da crença de que as redes entre jovens promovidas pelos encontros pessoais e de intercâmbios são, em última análise, o fator vigilante na construção de um mundo mais pacífico e humano no século 21.

Minha segunda proposta é o aumento considerável do número de intercâmbios das cidades-irmãs entre os três países, com os olhos em 2030, data-limite dos ODS.

Quando, há 40 anos, me encontrei com o primeiro-ministro Zhou Enlai, nosso mesmo interesse mais evidente era o aprofundamento das relações de amizade entre os cidadãos dos nossos dois países. Na minha proposta para a normalização das relações sino-japonesas, em setembro de 1968, afirmei:

A normalização das relações entre as nações só terá significado quando o povo de ambos entenderem um ao outro e interagirem de maneira mutuamente benéfica, contribuindo, por extensão, para a paz mundial.

Da mesma forma, o primeiro-ministro Zhou declarou que a duradoura amizade sino-japonesa somente poderia ser alcançada quando os povos dos dois países se compreendessem verdadeiramente e confiassem um no outro. Quando nos conhecemos, ele me contou de sua própria experiência na juventude vivendo e estudando no Japão por um ano e meio, e eu senti a importância de sua perspectiva.

Em 1916, um ano antes de Zhou vir ao Japão para estudar, o filósofo político japonês Sakuzo Yoshino (1878-1933) escreveu o seguinte a propósito das precárias relações sino-japonesas:

Se existe confiança e respeito entre os cidadãos, mesmo que surjam hostilidades ou mal-entendidos em questões políticas ou econômicas serão como as ondas agitadas na superfície do oceano pelo vento, mas deixam o profundo fluxo corrente das relações amistosas imperturbáveis.⁵⁰

Isto confirma minha antiga convicção. Se pessoas de diferentes nacionalidades participam de intercâmbios com o coração, unem-se no interesse pela felicidade do outro, a grande árvore da amizade cultivada suportará ventos e neves e estenderá ramos de crescimento exuberantes até um futuro distante.

Atualmente, existem 356 acordos governamentais locais de cidades-irmãs entre China e Japão, 156 entre Japão e Coreia do Sul, e 151 entre China e Coreia do Sul. Devemos continuar a estender estas trocas de cidades-irmãs, mas simultaneamente fortalecer os laços de amizade pessoa a pessoa.

Nosso espírito de fundação

Ao fazer estas propostas concretas, tenho intensa consciência de que, afinal, é a solidariedade de pessoas comuns que há de impulsionar a humanidade em nosso esforço para enfrentar mais e mais desafios como os que serão estudados nos novos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Hoje faz quarenta anos que, em 26 de janeiro de 1975, representantes de cinquenta e um países e territórios reuniram-se em Guam para fundar a SGI. A visão do presidente Toda de cidadania global e sua determinação de eliminar a miséria da Terra naquele momento estavam intensamente presentes para mim. Quando, na conferência inaugural, decidi escrever “o mundo” ao lado de minha assinatura, na coluna de

“Na criação da paz, os laços de coração a coração entre pessoas que despertam para a dignidade da vida são mais fortes que os laços econômicos ou políticos entre nações”

“nacionalidade”, afirmava meu juramento de cumprir o sonho do meu mestre.

A declaração aprovada nesta primeira reunião confirmou nosso espírito de fundação:

Na criação da paz, os laços de coração a coração, entre pessoas que despertam para a dignidade da vida, são mais fortes que os laços econômicos ou políticos entre nações. (...) A paz duradoura não pode ser alcançada sem a conquista da felicidade da humanidade. Nosso objetivo é fazer do ideal budista de benevolência um novo elemento filosófico que, a partir de agora, estimulará o espírito solidário necessário para garantir a felicidade e a sobrevivência da humanidade.

A permanência deste espírito inalterado até hoje expandiu o nosso movimento para 192 países e territórios.

Cada vez mais fortalecidos pela amizade e o diálogo, vamos continuar a trabalhar por um mundo sem armas ou guerras nucleares para eliminar a miséria da face da Terra e para criar uma nova sociedade, em que todas as pessoas possam desfrutar plenamente a benção da dignidade humana.

Notas

1. UN DESA, *Open Working Group Proposal for Sustainable Development Goals* [Proposta do Grupo de Trabalho Aberto para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável].
2. (Traduzido de) Toda, *Toda Josei zenshu* [Coletânea de Orientações de Josei Toda], v. 3, p. 290.
3. King, *The Trumpet of Conscience* [Um Apelo à Consciência], p. 24.
4. (Traduzido de) Toda, *Toda Josei zenshu* [Coletânea de Orientações de Josei Toda], v. 3, p. 74.
5. Francis, *Apostolic Exhortation* [Exortação Apostólica], parágrafo 53.
6. Cf. Nakamura, *Genshi butten o yomu* [Lendo os Escritos Budistas Iniciais], p. 195.
7. Gandhi, *The Collected Works* [Obras Completas], v. 89, p. 125.
8. (Traduzido de) Nakamura, *Genshi butten o yomu* [Lendo os Escritos Budistas Iniciais], p. 219.
9. (Traduzido de) Makiguchi, *Makiguchi Tsunesaburo zenshu* [Coletânea de Orientações de Tsunesaburo Makiguchi], v. 10, p. 209-10.
10. Cf. Ikeda, *A Forum for Peace* [Um Fórum pela Paz], p. 258-67.
11. *Ibidem*, p. 195-98.
12. Cf. Makiguchi, *Makiguchi Tsunesaburo zenshu* [Coletânea de Orientações de Tsunesaburo Makiguchi], v. 2, p. 207-08.
13. Ikeda e Boulding, *Into Full Flower* [Plena Floração], p. 93.
14. NRC e IDMC, *Global Estimates 2014* [Estimativas Globais 2014], p. 15.
15. Fujimori, *Teishotoku koreisha no jittai to motomerareru shotoku hoshō seido* [Aspecto Real dos Idosos com Baixa Renda e Sistema de Assistência Ideal]; e Ministério da Saúde, Trabalho e Bem-estar Japonês, *Estudo Estatístico dos Lares Japoneses*, p. 25.
16. Nussbaum, *Frontiers of Justice* [Fronteiras da Justiça], p. 237.
17. Nārada (tradução), *The Dhammapada* [O Dhammapada], cap. 23, n. 12, p. 331.
18. (Traduzido de) Nichiren, *Nichiren Daishonin gosho zenshu* [Coletânea dos Escritos de Nichiren Daishonin], p. 769.
19. Erikson, *Insight and Responsibility* [Discernimento e Responsabilidade], p. 114.
20. Cf. Erikson, *Childhood and Society* [Infância e Sociedade], p. 266-67.
21. Erikson, *Gandhi's Truth* [A Verdade de Gandhi], p. 407-08.
22. Mandela, *Gandhi the Prisoner* [Gandhi, o Prisioneiro].
23. Toynbee, *East to West* [De Leste a Oeste], p. 221.
24. Havel, *Europe as Task* [Europa como Missão].
25. Hammarskjöld, *Introduction to the Annual Report* [Introdução ao Relatório Anual], p. 8.

26. Cf. Maritain, *Man and the State* [O Homem e o Estado], p. 76.
27. Hammarskjöld, *Address at the Inauguration* [Discurso na Sessão Inaugural], v. 2, p. 375.
28. Arendt, *The Origins of Totalitarianism* [As Origens do Totalitarismo], p. 296.
29. Assembleia Geral da ONU, *Implementing Actions Proposed* [Implementação das Ações Propostas], p. 2.
30. Acnur, *UNHCR Global Trends 2013* [Acnur Tendências Globais 2013], p. 2-3.
31. Milner e Loescher, *Responding to Protracted Refugee Situations* [Responder pelas Situações Prolongadas dos Refugiados], p. 3.
32. Acnur, *UNHCR Global Trends 2013* [Acnur Tendências Globais 2013], p. 3.
33. Jacobsen, *The Forgotten Solution* [A Solução Esquecida], p. 9; e Fielden, *Local Integration* [Integração Local], p. 6-12.
34. Cf. *Forum 21 seiki e no sozo* [Fórum sobre as Perspectivas do Século 21].
35. Biko, *I Write What I Like* [Escrevo o que Quero], p. 47.
36. Assembleia Geral da ONU, *Establishment of a Commission* [Criação de uma Comissão].
37. Ministério Federal Austríaco da Europa, Integração e Relações Exteriores, *Report and Summary* [Relatório e Resumo], p. 2.
38. (Traduzido de) Toda, *Toda Josei zenshu* [Coletânea de Orientações de Josei Toda], v. 4, p. 565.
39. Ikeda e Rotblat, *A Quest for Global Peace* [Em Busca da Paz Global], p. 52.
40. (Traduzido de) Hiroshima, Nagasaki, *Okinawa seinen-bu ga heiwa samitto* [Cúpula da Paz da Divisão dos Jovens de Hiroshima, Nagasaki e Okinawa].
41. deBrum, *Statement at the General Debate* [Declaração no Debate Geral], p. 1.
42. *Ibidem*.
43. Global Zero, *World Spending on Nuclear Weapons* [Despesas Mundiais com Armas Nucleares], p. 1.
44. Assembleia Geral da ONU, *Conferência de Revisão de 2010*, p. 21.
45. ICJ, *Legality of the Threat or Use of Nuclear Weapons* [Legalidade da Ameaça ou Uso das Armas Nucleares], p. 284.
46. Assembleia Geral da ONU, *Towards a Nuclear-weapon-free World* [Rumo a um Mundo Livre de Armas Nucleares], p. 6.
47. Ikeda e Toynbee, *Choose Life* [Escolha a Vida], p. 194.
48. Monnet, *Memoirs* [Memórias], p. 323.
49. Westerwelle e Fabius, *Germany and France at the Service of Europe* [Alemanha e França a Serviço da Europa].
50. (Traduzido de) Yoshino, *Yoshino Sakuzo senshu* [Seleções de Yoshino Sakuzo], v. 8, p. 218-19.

Bibliografia

ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados). (2014). *Tendências Globais 2013*. 20 de junho. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/5399a14f9.html>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

ARENDR, Hannah. *The Origins of Totalitarianism* [As Origens do Totalitarismo]. Orlando, Austin, Nova York, San Diego e Londres: Harcourt, 1973.

BIKO, Steve. *I Write What I Like: A Selection of His Writings* [Escrevo o que Quero: Seleção de seus Escritos]. Londres: Heinemann, 1987.

CIJ (Corte Internacional de Justiça). (1996). *Legality of the Threat or Use of Nuclear Weapons, Advisory Opinion, I.C.J. Reports* [Legalidade da Ameaça ou Uso das Armas Nucleares, Opinião Consultiva, Relatórios da CIJ]. Disponível em: <<http://www.icj-cij.org/docket/files/95/7507.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

CNR (Conselho Norueguês para Refugiados) e CMDI (Centro de Monitoramento de Deslocados Internos). (2014). *Global Estimates 2014: People Displaced by Disasters* [Estimativas Globais 2014: Pessoas Deslocadas por Desastres]. Disponível em: <<http://www.internal-displacement.org/assets/publications/2014/201409-global-estimates2.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

deBRUM, Tony. (2014). *Statement at the General Debate of the 3rd Meeting of the Preparatory Committee for the 2015 Nuclear Non-Proliferation Treaty Review Conference*

[Declaração no Debate Geral da 3ª Reunião do Comitê Preparatório para a Conferência de Revisão do Tratado de Não Proliferação Nuclear de 2015]. 28 de abril. Disponível em: <http://unrcpd.org/wpcontent/uploads/2014/04/28April_MarshallIslands.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2015.

ERIKSON, Erik H. *Childhood and Society* [Infância e Sociedade]. Nova York e Londres: W. W. Norton, 1950.

_____. *Insight and Responsibility* [Discernimento e Responsabilidade]. Nova York: W. W. Norton, 1964.

_____. *Gandhi's Truth: On the Origins of Militant Nonviolence* [A Verdade de Gandhi: Sobre as Origens do Combate a Não Violência]. Nova York: W. W. Norton, 1969.

FIELDEN, Alexandra. (2008). *Local Integration: An Under-reported Solution to Protracted Refugee Situations* [Integração Local: Um Relatório das Soluções para Situação Prolongada de Refugiados]. Novas Questões na Série de Pesquisas sobre Refugiados. Trabalho de Pesquisa n. 158. Junho. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/486cc99f2.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2015.

FRANCISCO, Papa. (2013). *Apostolic Exhortation Evangelii Gaudium of the Holy Father Francis to the Bishops, Clergy, Consecrated Persons and the Lay Faithful on the Proclamation of the Gospel in Today's World* [Exortação Apostólica de Evangelii Gaudium do

- Papa Francisco ao Episcopado, ao Clero, às Pessoas Consagradas e aos Fiéis Leigos sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Atual]. Libreria Editrice Vaticana. 24 de novembro. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/en/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 26 jan. 2015.
- FUJIMORI, Katsuhiko. (2012). *Teishotoku koreisha no jittai to motomerareru shotoku hosho seido* [Aspecto Real dos Idosos com Baixa Renda e Sistema de Assistência Ideal]. Disponível em: <http://www.mizuho-ir.co.jp/publication/contribution/2012/nenkintokeizai01_01.html>. Acesso em: 26 jan. 2015.
- GANDHI, Mahatma. *The Collected Works of Mahatma Gandhi*, 100 v. [As Obras Completas de Mahatma Gandhi, 100 volumes]. Nova Déli: Divisão de Publicações, Ministério da Informação e Radiodifusão, Governo da Índia, 1959-1998.
- Global Zero. (2011). *World Spending on Nuclear Weapons Surpasses \$1 Trillion per Decade* [Despesas Mundiais com Armas Nucleares Ultrapassa US\$ 1 Trilhão por Década]. Relatório Técnico Global Zero. Junho. Disponível em: <http://www.globalzero.org/files/gz_nuclear_weapons_cost_study.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2015.
- HAMMARSKJÖLD, Dag. (1960). *Introduction to the Annual Report of the Secretary-General on the Work of the Organization, 16 June 1959-15 June 1960* [Introdução ao Relatório Anual do Secretário-Geral sobre os Trabalhos da Organização, 16 de junho de 1959-15 de junho de 1960]. A/4390/Add.1. 31 de Agosto. Disponível em: <<http://daccess-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/GEN/NL6/006/48/PDF/NL600648.pdf?OpenElement>>. Acesso em: 26 jan. 2015.
- _____. (1954). *Address at the Inauguration of the Twenty-fifth Anniversary of the Museum of Modern Art* [Discurso na Sessão Inaugural no Aniversário de 25 anos do Museu de Arte Moderna]. In: Cordier, Andrew W., e Wilder Foote, 1969-77. *Public Papers of the Secretaries-General of the United Nations* [Documentos Públicos das Secretarias Gerais das Nações Unidas]. 8 v. Nova York: Columbia University Press.
- HAVEL, Václav. (1996). *Europe as Task: An Address in Aachen* [Europa como Missão: Um Discurso em Aachen]. Maio de 2015. Disponível em: <http://www.vaclavhavel.cz/showtrans.php?cat=projevy&val=173_aj_projevy.html&typ=HTML>. Acesso em: 26 jan. 2015.
- IKEDA, Daisaku. *Proposal for the Normalization of Sino-Japanese Relations* [Proposta de Normalização da Relação entre China e Japão]. Hong Kong: Soka Gakkai Internacional de Hong Kong, 2013.
- _____. *A Forum for Peace: Daisaku Ikeda's Proposals to the UN* [Um Fórum pela Paz: Proposta de Daisaku Ikeda para as Nações Unidas]. Editado por Olivier Urbain. Londres e Nova York: I.B. Tauris, 2014.
- _____. TOYNBEE, Arnold. *Choose Life* [Escolha a Vida]. Londres: I.B. Tauris, 2007.
- _____. ROTBLAT, Joseph. *A Quest for Global Peace* [Em Busca da Paz Global]. Londres: I.B. Tauris, 2007.
- _____. BOULDING, Elise. *Into Full Flower* [Plena Floração]. Cambridge, Massachusetts: Dialogue Path Press, 2010.
- JACOBSEN, Karen. (2001). *The Forgotten Solution: Local Integration for Refugees in Developing Countries* [A Solução Esquecida: Integração Local para Refugiados nos Países em Desenvolvimento]. *Novas Questões na Série de Pesquisas sobre Refugiados*. Trabalho de Pesquisa n. 45. 1º de julho. Disponível em: <<http://www.unhcr.org/3b7d24059.html>>. Acesso em: 26 jan. 2015.
- KING, Martin Luther, Jr. *The Trumpet of Conscience* [Um Apelo à Consciência]. Nova York: Harper & Row, 1967.
- MAKIGUCHI, Tsunesaburo. *Makiguchi Tsunesaburo zenshu* [Coletânea de Orientações de Tsunesaburo Makiguchi]. 10 v. Tóquio: Seikyo Shimbunsha, 1981-1997.
- MANDELA, Nelson. (1994). *Gandhi the Prisoner* [Gandhi, o Prisioneiro]. Reimpr. de B.R. Nanda, ed. 1995. *Mahatma Gandhi: 125 Years* [Mahatma Gandhi: 125 Anos]. Nova Déli: Indian Council for Cultural Relations. South African History Online. Disponível em: <<http://www.sahistory.org.za/archive/gandhi-prisoner>>. Acesso em: 26 jan. 2015.
- MARITAIN, Jacques. *Man and the State* [O Homem e o Estado]. Chicago: University of Chicago, 1951.
- MILNER, James; LOESCHER, Gil. (2011). *Responding to Protracted Refugee Situations: Lessons from a Decade of Discussion* [Responder pelas Situações Prolongadas dos Refugiados: Lições de uma Década de Discussão]. RSC Policy Briefing Paper n° 6. Refugee Studies Centre. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/4da83a682.html>>. Acesso em: 26 jan. 2015.
- Ministério da Saúde, Trabalho e Bem-estar Japonês. (2014). *Graphical Review of Japanese Household* [Estudo Estatístico dos Lares Japoneses]. Disponível em: <<http://www.mhlw.go.jp/toukei/list/dl/20-21-h25.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2015.
- Ministério Federal Austríaco da Europa, Integração e Relações Exteriores. (2014). *Report and Summary of Findings of the Conference: Presented under the Sole Responsibility of Austria* [Relatório e Resumo das Conclusões da Conferência: Apresentados sob Responsabilidade Única da Áustria]. Conferência de Viena sobre o Impacto Humano das Armas Nucleares. 9 de dezembro. Disponível em: <http://www.bmeia.gv.at/fileadmin/user_upload/Zentrale/Aussenpolitik/Abbruestung/HINW14/HINW14_Chair_s_Summary.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2015.
- MONNET, Jean. *Memoirs* [Memórias]. Tradução de Richard Mayne. Londres: Collins, 1976.
- NAKAMURA, Hajime. *Genshi butten o yomu* [Lendo os Escritos Budistas Iniciais]. Tóquio: Iwanami Shoten, 1985.
- NICHIREN. *Nichiren Daishonin gosho zenshu* [Coletânea dos Escritos de Nichiren Daishonin]. Editado por Nichiko Hori. Tóquio: Soka Gakkai, 1952.
- NU (Nações Unidas). (1945). Carta das Nações Unidas: Preâmbulo. Disponível em: <<http://www.un.org/en/documents/charter/preamble.shtml>>. Acesso em: 26 jan. 2015.
- _____. DAES (Departamento para Assuntos Econômicos e Sociais). (2014). *Open Working Group Proposal for Sustainable Development Goals* [Proposta do Grupo de Trabalho Aberto para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável]. Disponível em: <<https://sustainabledevelopment.un.org/sdgsproposal>>. Acesso em: 26 jan. 2015.
- _____. Assembleia Geral. (1946). *Criação de uma Comissão para Lidar com os Problemas da Descoberta de Energia Atômica*. A/RES/1(I). Adotada pela Assembleia Geral. 24 de janeiro. Disponível em: <[http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/1\(I\)](http://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/RES/1(I))>. Acesso em: 26 jan. 2015.
- _____. _____. (2000). *Conferência de Revisão do Tratado de Não Proliferação das Armas Nucleares: Documento Final*. NPT/CONF.2000/28 (Partes I e II). Disponível em: <<http://www.un.org/disarmament/WMD/Nuclear/2000-NPT/OfficialDocs2.shtml>>. Acesso em: 26 jan. 2015.
- _____. _____. (2004). *Medidas Propostas pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados a fim de Reforçar a Capacidade de seu Escritório para Exercer o seu Mandato*. A/RES/58/153. Adotadas pela Assembleia Geral. 24 de fevereiro. Disponível em: <<http://www.refworld.org/docid/4067da904.html>>. Acesso em: 26 jan. 2015.
- _____. _____. (2010). *Conferência de Revisão do Tratado de Não Proliferação das Armas Nucleares: Documento Final*. NPT/CONF.2010/50 (v. I). Disponível em: <<http://www.un.org/en/conf/npt/2010/>>. Acesso em: 26 jan. 2015.
- _____. _____. (2014). *Rumo a um Mundo Livre de Armas Nucleares: Acelerar a Implementação dos Compromissos de Desarmamento Nuclear*. A/RES/69/37. Adotado pela Assembleia Geral. 11 de dezembro. Disponível em: <<http://www.un.org/en/ga/69/resolutions.shtml>>. Acesso em: 26 jan. 2015.
- NUSSBAUM, Martha C. *Frontiers of Justice: Disability, Nationality, Species Membership* [Fronteiras da Justiça: Deficiência, Nacionalidade, Gênero]. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2006.
- Soka Shimpō*. *Hiroshima, Nagasaki, Okinawa seinen-bu ga heiwa samitto* [Cúpula da Paz da Divisão dos Jovens de Hiroshima, Nagasaki e Okinawa]. 15 de agosto, p. 1, 2012.
- Thera, Nārada Maha (tradução de). (2002). *The Dhammapada* [O Dhammapada]. cap. 23. Disponível em: <<http://www.metta.lk/english/Narada/23-Naga%20Vagga.htm>>. Acesso em: 26 jan. 2015.
- TODA, Josei. *Toda Josei zenshu* [Coletânea de Orientações de Josei Toda]. 9 v. Tóquio: Seikyo Shimbunsha, 1981-1990.
- TOYNBEE, Arnold J. *East to West: A Journey Round the World* [De Leste a Oeste: Viagem ao Redor do Mundo]. Nova York e Londres: Oxford University Press, 1958.
- WESTERWELLE, Guido; FABIUS, Laurent. (2013). *Germany and France at the Service of Europe* [Alemanha e França a Serviço da Europa] Reimpr. de *Le Monde* et al., 22 de junho. Disponível em: <<http://www.franceintheus.org/spip.php?article4242>>. Acesso em: 26 jan. 2015.
- Yomiuri Shimbun*. *Foramu 21 seiki e no sozo* [Fórum sobre as Perspectivas do Século 21]. 29 de novembro, p. 14, 1995.
- YOSHINO, Sakuzo. *Yoshino Sakuzo senshu* [Seleções de Yoshino Sakuzo]. 15 v. Tóquio: Iwanami Shoten, 1995-1996.

Propostas de Paz proferidas pelo Dr. Daisaku Ikeda em 26 de janeiro, Dia da SGI

- 2015** — Compromisso de todos com um mundo mais humano: acabar com a miséria da Terra
- 2014** — Criação de valores humanos: a construção de um mundo solidário, capaz de se recuperar de tantas aflições
- 2013** — Compaixão, sabedoria e coragem — Para a humanidade viver em paz
- 2012** — Segurança humana e sustentabilidade: compartilhar o respeito pela dignidade da vida
- 2011** — Por um mundo digno de todos: triunfo da vida criadora
- 2010** — Novos valores para uma nova era
- 2009** — Competição humanitária: nova esperança na história
- 2008** — A humanização da religião a serviço da paz
- 2007** — Resgatar a nossa humanidade: primeiro passo para a paz mundial
- 2006** — A nova era do povo: uma rede mundial de indivíduos conscientes e fortes
- 2005** — Uma nova era de diálogo: o triunfo do humanismo
- 2004** — Revolução interior: uma onda mundial pela paz
- 2003** — Por uma ética global — A dimensão da vida: um paradigma
- 2002** — O humanismo do caminho do meio — O alvorecer de uma civilização global
- 2001** — O desafio da nova era: construir a todo instante o “Século da Vida”
- 2000** — A paz pelo diálogo — É tempo de falar: uma cultura de paz
- 1999** — Pela cultura de paz — Uma visão cósmica
- 1998** — A humanidade e o novo milênio: do caos para o cosmos
- 1997** — Novos horizontes de uma civilização global
- 1996** — Rumo ao terceiro milênio: o desafio da cidadania global
- 1995** — Criando um século sem guerras por meio da solidariedade humana
- 1994** — A luz do espírito global: uma nova alvorada na história da humanidade
- 1993** — Rumo a um mundo mais humano no século vindouro
- 1992** — Uma renascença de esperança e harmonia
- 1991** — O alvorecer do século da humanidade
- 1990** — O triunfo da democracia: rumo a um século de esperança
- 1989** — A alvorada de um novo globalismo
- 1988** — Entendimento cultural e desarmamento: os blocos edificadores da paz mundial
- 1987** — Propagando o brilho da paz: rumo ao século do povo
- 1986** — Rumo a um movimento global por uma paz duradoura
- 1985** — Novas ondas de paz rumo ao século XXI
- 1984** — Criando um movimento unido para um mundo sem guerras
- 1983** — Nova proposta para a paz e o desarmamento